

OS PROBLEMAS DO TRABALHO

NEW ERA Publications International ApS¹
Store Kongensgade 55
1264 Copenhagen K, Denmark

ISBN 87-7816-293-9

©1996 L. Ron Hubbard Library Todos os Direitos Reservados

Cientologia, Dianética, Hubbard, E-Meter, The Bridge, Clearsound, OT, Purification, Purification Rundown, Flag, Celebrity Centre, a cruz de Cientologia e o Símbolo de Cientologia são marcas registadas e de serviço possuídas pelo Religious Technology Center e são usadas com a sua permissão. *Cientologista* é uma marca de associação coletiva designando membros das igrejas e missões afiliadas de Cientologia.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sem a permissão do detentor dos direitos de autor.

Imprimido na Dinamarca

¹ ApS é a abreviatura da palavra dinamarquesa *Anpartsselskab* que denota um tipo de companhia privada

Nota Importante

Ao ler este livro, certifique-se muito bem de nunca passar à frente de uma palavra que não compreenda totalmente.

A única razão pela qual uma pessoa desiste de um estudo ou fica confusa ou incapaz de aprender é porque passou à frente de uma palavra que não foi compreendida.

A confusão ou incapacidade de perceber ou aprender vem DEPOIS de uma palavra que a pessoa não definiu nem compreendeu.

Já alguma vez passou pela experiência de chegar ao fim de uma página e descobrir que não sabia o que tinha lido? Bem, nalgum ponto anterior nessa página, passou à frente de uma palavra para a qual não tinha definição ou tinha uma definição incorreta.

Eis um exemplo: "Descobriu-se que, quando o crepúsculo chegava, as crianças ficavam mais tranquilas, e quando ele não estava presente estavam muito mais animadas". Veja o que acontece. Você pensa que não compreende toda a ideia, mas a incapacidade de compreender veio inteiramente de uma palavra que não podia definir, *crepúsculo*, que significa penumbra ou escuridão.

Podem não ser apenas as palavras novas e não habituais que terá que procurar. Algumas palavras de uso comum podem frequentemente estar mal definidas e por isso causar confusão.

Este dado acerca de não passar à frente de uma palavra não definida é o facto mais importante em todo o assunto do estudo. Cada assunto que tomou e abandonou continha palavras que deixou de definir.

Por conseguinte, ao estudar este livro certifique-se muito, muito bem de nunca passar à frente de uma palavra que não compreenda inteiramente. Se o material se tornar confuso ou parecer que não pode entendê-lo, existirá, logo antes, uma palavra que não compreendeu. Não avance, mas volte até ANTES do ponto em que entrou em dificuldades, encontre a palavra mal entendida e defina-a.

Definições

Para ajudar o leitor, as palavras que é mais provável serem mal entendidas foram definidas em notas de pé de página quando surgem pela primeira vez no texto. As palavras por vezes têm diversos significados. As definições de pé de página dadas neste livro apenas indicam o significado que a palavra tem no texto. Outras definições para a palavra podem ser encontradas num dicionário.

No fim deste livro encontra-se um glossário que inclui todas as notas de rodapé.

Índice

Introdução	5
De que Depende Manter um Emprego?	6
Manejar as Confusões no Mundo do Trabalho Diário	11
O Trabalho é Necessário?	17
O Segredo da Eficiência	22
A Vida como um Jogo	32
Afinidade, Realidade e Comunicação	38
Exaustão	45
Recuperação de um Ferimento	56
Como Manejar o Trabalho	57
Acerca do Autor	59
Glossário	61
Índex	67

Introdução

Cientologia, a vasta ciência da vida, tem muitas aplicações.

Se soubesse o que a vida está a fazer, você saberia o que muitas ciências e atividades estão a fazer.

Aqui temos Cientologia a dar apoio ao trabalhador e executivo, ajudando o homem a tornar-se mais competente e mais capaz, menos cansado e mais seguro no mundo do dia a dia do trabalho.

A Cientologia já está a ser aplicada em muitos dos maiores negócios deste planeta. Descobriram que tinham necessidade dela.

L. Ron Hubbard

1

De que Depende Manter um Emprego?

Contudo, deixando as relações familiares para outra altura, o que temos ainda? Há alguém que você conhece. As relações pessoais têm um papel dominante no obter, manter e melhorar um cargo, disso não resta dúvida. Uma pessoa tem um amigo que trabalha para a Companhia Jim-Jam; o amigo sabe de uma vaga; esse amigo tem outros amigos e estes ainda outros, e assim, dentro da Companhia Jim-Jam uma pessoa pode instalar-se e trabalhar com segurança e esperança de promoção.

Há ainda então o caso do encanto pessoal. Quão frequentemente temos visto a jovem estenógrafa que nem conseguia soletrar "gato", ascender subitamente, com os seus dedos de dactilógrafa ainda desajeitados, ao cargo de secretária executiva do patrão, e muito embora ela não consiga soletrar melhor "gato", pode certamente soletrar *aumento* e subir outra vez, e talvez mesmo *jantar de sociedade ou colar de diamantes*. Temos visto também o jovem com bom aspeto ultrapassar os outros mais antigos porque conseguia, talvez, contar uma piada oportuna ou jogar uma partida de golfe ligeiramente pior do que o patrão.

Temos também visto o fator da educação falhar completamente em companhias e departamentos governamentais e o homem treinado, que à custa de muito *queimar as pestanas* se instruiu para além de todas as honras, ser, no entanto, ultrapassado por qualquer sujeito sem um diploma e não possuindo mais do que algum dinamismo. Temos visto o inculto comandar como um louco milhões de pessoas e o sábio aconselhar apenas um punhado delas.

E a diligência parece ter igualmente um lugar limitado para alguns dos cínicos entre nós que já viram de tudo. A ânsia do jovem em trabalhar sem descanso é muito frequentemente refreada pela pessoa mais velha que diz: "Porque te hás de esforçar tanto, rapaz? Vem tudo a dar no mesmo". E talvez tenhamos trabalhado para além das horas de serviço e nos tenhamos sujado com tinta, ou ficado até tarde no nosso posto, para além daquilo a que o dever nos obrigava, apenas para observarmos em tempos vindouros o preguiçoso que desdenhamos obter maior salário. E dissemos que não é justo - longe disso.

E o interesse também, temo-lo visto reduzir-se a nada. Quando a nossa absorção no jogo mortal entre a firma ou secção e a concorrência, nos leva a pôr de lado e a descurar a nossa própria mulher ou a vida, quando passámos as noites e os tempos livres a elaborar soluções calculadas para salvar a nossa empresa, que depois de apresentadas foram devolvidas e negligenciadas, e quando, pouco tempo depois, reparamos que a nossa colega de trabalho, cujo interesse total era um homem ou carimbos, e de modo nenhum a firma, ascendeu a posições mais elevadas, então temos razões, pensamos nós, para estarmos menos interessados. E o interesse pelo nosso trabalho ficou condenado por aqueles à nossa volta que, não o compreendendo, se saturaram de nos ouvir.

Contra este duro e derrotado desfile de ilusões desfeitas, a inteligência parece não ter qualquer poder sobre os nossos destinos. Quando vemos o estúpido comandar muitos, quando vemos planos serem traçados e serem tomadas decisões que até os filhos dos trabalhadores condenariam, perguntamos a nós mesmos o que tem a inteligência a ver com isto. Mais vale ser tolo, poderíamos chegar a pensar, do que ver as nossas capacidades continuamente ultrajadas pelas coisas estúpidas que passam por planeamento da companhia.

Contra esta torrente, este confuso caos de causas fortuitas de promoções a melhores salários, a capacidade pessoal parece uma causa perdida. Temos visto as nossas próprias capacidades serem desperdiçadas. Temos visto as capacidades dos outros serem desprezadas. Temos visto os incapazes subirem na vida enquanto os capazes permanecem desaproveitados ou mesmo desempregados. Assim, a capacidade pessoal parece não ser o fator que podia uma vez ter contado para nós, pequenas rodas dentadas da conflituosa engrenagem do destino dos negócios. Então só podemos ter sorte e nada mais do que sorte ao longo de todo o caminho.

E desta forma, até para alguém experiente, parece que a obtenção, a conservação e a melhoria de um emprego estão dependentes de um caótico conjunto de causas, todas elas fora do nosso controle. Aceitamos como destino uma séria caótica de contingências em vez de expectativas ordenadas.

Tentamos um pouco. Vestimo-nos e arranjamo-nos bem para pedir um emprego, dirigimo-nos ao local do trabalho diário, manuseamos os papéis, as caixas ou as peças das máquinas de um modo que esperamos que seja correto, regressamos a casa em transportas superlotados e aguardamos outro monótono dia da trabalho.

Ocasionalmente iniciamos um curso por correspondência que nos dê uma pequena vantagem sobre os nossos colegas - a que frequentemente abandonamos antes de o completarmos: parece que nem sequer conseguimos esta pouca para nos ajudar no nosso caminho contra esta maré de contingências.

Ficamos doentes. Esgotamos as baixas por doença. Ainda mal restabelecidos, não temos agora emprego. Somos vítimas da uma trama accidental ou da calúnia e já não temos emprego. Somos empurrados para lugares que não podemos desempenhar, e então uma vez mais ficamos sem emprego. Envelhecemos demasiado, o nosso tempo é passado a lembrar quão rápidos éramos, e um dia não temos emprego.

O fado do Homem no mundo do trabalho é incerto. O seu objetivo é a segurança. Contudo, poucos conseguem tal objetivo. Os restantes preocupam-se, dia após dia, ano após ano, com a sua capacidade de arranjar emprego, mantê-lo e melhorar a sua posição. E na maioria dos casos, os piores receios concretizam-se. Antigamente olhávamos para os ricos a invejamo-los, mas agora com os impostos que suportamos, o seu número reduziu-se apesar da perícia dos seus contabilistas. Os estados e governos erguem-se, prometem-nos toda a segurança e dão-nos apenas restrições que também a abalam.

Dia a dia, novas ameaças se impõem às nossas consciências. Um mundo onde a máquina domina, reduz o homem a uma peça. E somos informados das novas técnicas que substituem o trabalho de milhares e assim morremos de fome.

Os anúncios agridem-nos nos transportas, na imprensa, nas ruas, na rádio e na TV, com todo

o tipo de coisas para possuir. E não importa quão maravilhoso seja possuí-las, pois *nós*, os homens que as fazemos, não as podemos possuir - pelo menos com o nosso salário. E os Natais deixam-nos um tanto ou quanto envergonhados pelo pouco que podemos comprar, e fazemos com que o nosso casaco dure mais um ano.

E os anos vão passando, e não ficamos mais novos. Em cada hora que passa, enfrentamos acasos que podem ajudar ou destruir o nosso futuro. Não admira, pois, que acreditemos apenas na sorte.

Bem, e aí reside o problema.

Para comer, temos de ter um emprego. Para viver, temos de continuar a ser aceites nos nossos empregos. Para melhorarmos, temos de aguardar golpes de sorte. E tudo isto parece ser uma grande e impiedosa confusão formada por acidentes, boa e má sorte, num trabalho penoso em que no fim nada se ganha.

O que não daria você por alguma coisa que o fizesse sair de tal rotina? Talvez não esteja envolvido nela, e se assim for é um dos felizardos. Os homens, para fugirem a tais rotinas, perpetraram as mais sangrentas guerras e revoluções da História. Dinastias inteiras foram reduzidas a pó por convulsões dominadoras nascidas do desespero. Os empregos escasseiam. Conservá-los torna-se cada vez mais accidental. Por fim, ninguém consegue aguentar a torrente da insegurança e a resposta é crua - revolução radical. E isto conduz-nos a alguma coisa? Não. A revolução é o ato de substituir uma tirania por outra, dez vezes mais despótica do que a anterior. A mudança de governos, mesmo não atingindo as empresas, pode alterar a segurança básica.

A busca da segurança é uma busca da constância e da paz. Um trabalhador merece tais coisas. Ele cria os bens. Deveria ter os meios para viver. Em vez disso tem o caos.

Mas onde está esse caos? Está na família do trabalhador? Alguns dizem que sim. Está na natureza do capital? Outros afirmam que sim. É este caos fruto do mau governo? Muitos disseram que sim. Ou estará no próprio trabalhador? Alguns gostariam que ele pensasse que sim.

Não, não está em nenhuma destas coisas. O caos da insegurança existe no caos dos dados estabelecidos para o trabalho e para as pessoas. Se não se tem bússola pela qual se orientar através da vida, uma pessoa perde-se. São tantos os fatores recentes, da era Industrial, que entraram na vida, que ela própria necessita de ser melhor compreendida.

Trabalho e segurança são partes da vida. Se a vida não for compreendida, então nenhuma destas partes o poderá ser. Se toda a vida parece caótica, uma questão de adivinhar e de sorte, então certamente que o trabalho parecerá caótico.

Mas o papel do trabalho na vida é mais importante do que qualquer outro. Alguns dizem que passamos um terço da nossa vida na cama e, por conseguinte, as camas são mais importantes. Mas passamos mais de um terço das nossas vidas no trabalho e se não trabalharmos, não temos cama, e assim parece que o trabalho é de longe mais importante. Se se somarem as várias parcelas da vida, o amor, o desporto ou a diversão, verificar-se-á que a maior concentração não está em nenhuma delas, mas no *trabalho*. O trabalho desempenha o papel mais importante das nossas vidas, quer gostemos quer não. Se não gostarmos dele não gostamos da vida.

Se encontrássemos um homem um pouco louco, as velhas ologias mandar-nos-iam estudar a sua vida amorosa ou a sua infância. Uma ideia mais recente, a melhor, consiste em estudar a sua segurança e condições de trabalho. À medida que a segurança piora num país, a insanidade aumenta. Se tivermos de atacar os problemas da insanidade nacional e resolvê-los, não construiremos melhores hospícios, melhoraremos as condições de trabalho.

A vida compõe-se de sete décimos de trabalho, um décimo de família, um décimo de política e um décimo de descanso. A economia – o ordenado e o esforço para o conseguir – é sete décimos da existência. Tire a um homem o seu rendimento ou o seu emprego e encontrá-lo-á normalmente numa má condição mental. Se pretendermos encontrar provas disto por todo o lado, encontrá-las-emos sempre. Excesso de preocupações com a segurança, com os bens, com o que se é capaz de fazer na vida pelos outros, são as mais importantes preocupações da vida. Sejamos simples. As pessoas sem nada que fazer, sem um propósito, tornam-se mais facilmente neuróticas ou loucas. O trabalho, basicamente, não é uma escravidão, é algo que se faz. O ordenado diz-nos que valemos alguma coisa. E, sem dúvida, ele compra-nos aquilo que temos de ter para viver. Ou quase compra.

Pois bem. Então, a segurança do trabalho é importante.

A própria segurança é compreensível. A insegurança significa *desconhecimento*. Quando alguém se sente inseguro, simplesmente não sabe. Não tem a certeza. Os homens que *sabem* são seguros. Os que não sabem acreditam na sorte. Uma pessoa torna-se insegura por não saber se irá ou não ser despedida. Portanto, preocupa-se. E assim acontece com toda a insegurança.

A insegurança existe na ausência de conhecimento. Toda a segurança provém do conhecimento.

Uma pessoa *sabe* que vão cuidar dela, aconteça o que acontecer. Isto é segurança. Na ausência de um determinado conhecimento isto também poderia ser um sofisma.

A sorte é oportunidade. Depender da sorte é depender do desconhecido.

Mas, na realidade, como pode alguém adquirir conhecimento da vida, se a própria vida como conhecimento não foi posta em ordem? Quando o assunto da própria vida é um caos, como poderia o trabalho, como parte da vida, ser qualquer coisa além de um caos?

Se *a vivência* é um tema desconhecido, então trabalhar e tudo o que com ele se relacione, deve ser um assunto desconhecido, exposto ao cinismo, ao desespero e ao acaso.

Para obter, manter e melhorar um emprego devem conhecer-se as regras exatas e precisas da vida, se se quiser alcançar uma segurança completa. Não é suficiente conhecer bastante bem o trabalho. Não será uma segurança, porque à medida que o tempo vai passando, vemos, tal como já disse, surgirem demasiados acasos.

O conhecimento das linhas mestras da vida dará também uma segurança na vida. O conhecimento das linhas mestras dará também uma segurança no emprego.

Cientologia é uma ciência da vida. É o primeiro esforço inteiramente ocidental para compreender a vida. Todos os primeiros esforços provieram da Ásia e da Europa Oriental. E todos

falharam. Nenhum deles trouxe maior segurança. Nenhum deles conseguiu alterar para melhor o comportamento humano. Nenhum deles, embora disso se vangloriassem, conseguiu modificar a inteligência humana. Cientologia é algo de novo à luz do Sol, mas, jovem como é, é no entanto a única ciência da existência completa e rigorosamente ensaiada e válida. Não exige que se medite vinte anos sentado sobre pregos para se provar que se é mortal. Não exige um vasto estudo sobre ratos para descobrir que o Homem está confuso.

Cientologia pode e consegue alterar o comportamento humano para melhor. Coloca o indivíduo em controle de si mesmo - onde ele pertence. Cientologia pode aumentar e consegue aumentar a inteligência humana. Através dos mais rigorosos testes de que há conhecimento prova-se que Cientologia pode aumentar muitíssimo a inteligência do indivíduo. E Cientologia pode fazer outras coisas. Pode reduzir o tempo de reação e tirar anos à aparência de alguém. Contudo, não há intenção aqui de anunciar tudo o que pode fazer. É uma ciência da vida e resulta. Maneja adequadamente as regras básicas da vida, e põe ordem no caos.

Uma ciência da vida seria, na realidade, uma ciência de boa ordem. Coisas como contingências e sorte estariam, se pelo menos você pudesse compreender a essência delas, sob o seu controle.

Como já vimos aqui, até aqueles que não são cínicos podem verificar as muitas contingências que influem na obtenção, conservação e melhoramento do seu emprego. Algumas destas contingências parecem afastadas e tão fora de controle que nada se pode fazer em relação a elas. Se pelo menos pudéssemos reduzir o acaso de um trabalho; se ao menos pudéssemos fazer verdadeiras amizades e termos alguma leve certeza de que o nosso interesse, inteligência e capacidade inata não seriam todas desperdiçadas, aí sim, as coisas seriam melhores, não é verdade?

Bem, veremos o que Cientologia pode fazer para reduzir os acasos no mundo do trabalho, para si e para todos os que conhece. Porque, afinal o que é a vida?

2

Manejar as Confusões no Mundo do Trabalho Diário

Vimos como uma pessoa pode ser levada a acreditar que há algo de confuso no modo como a sua carreira navega pelo mundo do trabalho. E existe confusão para aquele que não está equipado com guias nem mapas.

Parecia basicamente muito simples, esta coisa chamada trabalho, obter um emprego. Uma pessoa treinada numa determinada perícia, leu um anúncio ou foi enviada por um amigo e teve uma entrevista para um emprego. Conseguiu o mesmo, e então apresentou-se diariamente ao trabalho, fez o que lhe estava determinado e à medida que o tempo passou esperou por um aumento de vencimento. E o tempo, continuando a passar, levou-a a esperar uma reforma ou um regime governamental que lhe pagasse a pensão da terceira idade. E isto foi apenas um simples exemplo.

Contudo, os tempos mudam e os exemplos simples têm o hábito de se tornarem desorganizados. Entram em cena os vários incidentes e acidentes do destino. Visões mais amplas, completamente à parte de fatores pessoais, alteram as coisas. O governo, numa economia de âmbito geral, deixa de conceder uma pensão adequada. O negócio para o qual ele trabalha é destruído por um período de depressão. Ou então a saúde começa a falhar inexplicavelmente e uma pessoa fica entregue à caridade.

O trabalhador no seu dia-a-dia não é um gigante imenso no meio dos seus muitos adversários. O caminho, vistoso mas desprovido de valor, tão alegremente prometido por agitadores, o grande afeto dispensado ao trabalhador por esta ou aquela ideologia ou figura política, não refletem a verdade. Um homem ao trabalhar num emprego depara-se com dificuldades suficientemente grandes para ele, por menores que possam parecer a um industrial de sucesso. Uma ligeira percentagem de aumento nos impostos pode significar que ele tenha, como consequência, de cortar com o tabaco. O começo de tempos difíceis para os negócios pode resultar numa redução de salário, e assim podem deixar de existir todos e quaisquer luxos e até alguns bens de primeira necessidade, ou o próprio emprego.

Efeito de correntes internacionais, governos, tendências nos negócios e mercados - tudo isto normalmente para além da sua preocupação - o trabalhador tem todo o direito de acreditar que o seu destino não é totalmente previsível. Na verdade, ele até podia ter o direito de ficar confuso.

Um homem pode morrer de fome em poucos dias. Poucos trabalhadores têm margem de muitos dias nos bolsos se as tendências mudarem. Desta forma, muitas das coisas que não constituiriam um problema de maior para aqueles com mais recursos, são encaradas como ameaças pelo trabalhador. E estas coisas podem ser tantas que a vida parece, toda ela, demasiado confusa para ser vivida, e assim uma pessoa afunda-se numa apatia de trabalho diário, difícil e monótono, sem muita esperança, confiando que a próxima tempestade possa, com sorte, passar sobre ela.

À medida que uma pessoa olha para os muitos fatores que podem perturbar a sua vida e

minar a sua segurança, a impressão é que a confusão parece bem instituída, e pode-se afirmar com verdade que todas as dificuldades são fundamentalmente confusões. Com tanta ameaça, com tanto desconhecido, o Homem mete resignadamente a cabeça entre os ombros, e tenta mover-se, às cegas, de um lado para o outro através de tudo isto. Tem sido dominado pelas confusões.

Suficientes problemas por resolver adicionam-se a uma enorme confusão. De vez em quando, no seu trabalho, o trabalhador é colocado num estado de confusão por ordens suficientemente contraditórias. Uma fábrica moderna pode ser tão deficientemente gerida, que na sua globalidade, parece ser uma vasta confusão para a qual nenhuma resposta é possível.

Sorte, é a resposta usual em que uma pessoa se refugia numa confusão. Se as forças à sua volta parecem ser demasiado grandes, pode-se sempre "confiar na sorte". Por *sorte* queremos dizer "destino não dirigido pessoalmente". Fica-se frequentemente desapontado quando se conduz despreocupadamente, ao volante de um carro, esperando que este continue na estrada por sorte. E também é assim na vida. As coisas que se deixam à sorte têm menos probabilidades de se resolverem. Já vimos um amigo fechar os olhos aos cobradores e ranger os dentes enquanto espera ganhar as apostas nas corridas e resolver todos os seus problemas. Conhecemos pessoas que, durante anos levaram as suas vidas desta forma. Na verdade, um dos grandes personagens de Dickens tinha toda a filosofia de "esperar que algo aconteça". Mas a sorte, embora admitamos que é um elemento poderoso, só é necessária no meio de uma grande corrente de fatores de confusão. Se alguém tem de ter sorte para ser bem sucedido, então segue-se que já não está ao volante do seu carro, e mais ainda, que está a lidar com uma confusão.

Uma confusão pode ser definida como qualquer conjunto de fatores ou circunstâncias que não parecem ter qualquer solução imediata. De uma maneira mais ampla, uma confusão neste universo é *movimento ao acaso*.

Se você tivesse que ficar no meio de trânsito intenso, é provável que se sentisse confuso com o movimento a zumbir à sua volta. Se tivesse que ficar no meio de uma grande tempestade, com folhas e papéis a voar pelo ar, é provável que ficasse confuso.

Será realmente possível compreender a confusão? Existirá uma coisa como "anatomia da confusão"? Sim, existe.

Se, como telefonista numa central telefónica tivesse dez chamadas a entrar ao mesmo tempo no seu aparelho, você podia sentir-se confuso. Mas há alguma resposta para esta situação? Se você, como responsável de uma oficina tivesse, ao mesmo tempo, três emergências e um acidente, podia sentir-se confuso. Mas há alguma resposta para isto?

Uma confusão só é uma confusão enquanto *todas* as partes estiverem em movimento. Uma confusão só é uma confusão enquanto nenhum fator for claramente definido ou compreendido.

A confusão é a causa básica da estupidez. Para o estúpido todas as coisas, à exceção das muito simples, são confusas. Assim, se uma pessoa conhecesse a estrutura da confusão, independentemente da sua inteligência, ela seria mais inteligente.

Se alguma vez teve de ensinar algum jovem aspirante, não muito esperto, você compreenderá bem isto. Tentou explicar-lhe como isto ou aquilo funciona. Repete uma, duas, três vezes.

E então, quando o deixa a sós, ele deita tudo a perder. Ele "não compreendeu", ele "não entendeu o assunto". Você pode simplificar a sua compreensão da má-compreensão dele, dizendo muito corretamente: "Ele estava confuso".

Noventa e nove por cento de toda a educação falha, quando falha, pelo motivo de que o aluno estava confuso.

E não é só no reino do emprego, mas na própria vida, que, quando o fracasso se aproxima, ele nasce, de uma forma ou de outra, da confusão. Para aprender mecânica ou para viver a vida uma pessoa tem de ser capaz de confrontar a confusão ou de a desfazer.

Em Cientologia temos uma determinada doutrina acerca da confusão. Chama-se a Doutrina do Dado Estável.

Se visse um turbilhão de papéis a rodopiar numa sala, pareceriam confusos, até que você apanhasse *um* pedaço de papel em relação ao qual, tudo o resto estaria em movimento. Por outras palavras, um movimento confuso pode ser compreendido concebendo que uma coisa está imóvel.

Numa corrente de trânsito tudo seria confusão a menos que você imaginasse que um carro estava imóvel em relação aos outros carros e então visse os outros em relação àquele.

A telefonista numa central telefônica ao receber dez chamadas ao mesmo tempo resolve a confusão, classificando correta ou incorretamente uma chamada como a primeira delas a receber a sua atenção. A confusão de dez chamadas simultâneas tornar-se-á menor a partir do momento em que ela atenda uma chamada. O responsável por uma oficina confrontado com três emergências e um acidente só necessita de escolher *o primeiro* alvo da sua atenção para iniciar o ciclo de trazer ordem novamente.

Até uma pessoa escolher *um* dado, *um* fator, *um* pormenor, numa confusão, esta continua. *O elemento* selecionado e usado torna-se *o dado estável* para o resto.

Qualquer corpo de conhecimento, mais específica e rigorosamente, é construído a partir de *um* dado. Este é o seu *dado estável*. Invalide-o e todo o corpo de conhecimento cai por terra. Um dado estável não tem de ser o dado correto. É simplesmente o que mantém as coisas fora da confusão e pela qual outras se alinham.

Pois bem, ao ensinar um jovem principiante a operar uma máquina ele não compreendeu as suas instruções, e se assim aconteceu foi porque lhe faltou um dado estável. Primeiro devia-lhe ter sido muito bem esclarecido *um facto*. Entendendo esse, ele podia apreender os restantes. Uma pessoa é estúpida, então, ou fica confundida em qualquer situação confusa até ter entendido totalmente *um facto* ou um item.

As confusões, por maiores e mais difíceis de manejar que possam parecer, são formadas por dados, ou fatores, ou partículas. Elas têm peças. Tome uma peça e situe-a rigorosamente. Em seguida veja como as outras funcionam em relação a ela e você conseguiu assim estabilizar a confusão, e ao relacionar as outras coisas com a que tomou, em breve terá dominado a confusão na sua totalidade.

Ao ensinar um rapaz a operar uma máquina, não lhe atire com uma torrente de dados, apontando-lhe depois os seus erros: para ele isso seria confusão que o faria responder estupidamente. Procure algum ponto de entrada para a sua confusão, *um dado*. Diga-lhe: "Isto é uma máquina". Pode suceder que todas as instruções tenham sido lançadas a alguém que não tivesse nenhuma certeza real nem uma norma real na vida. "Isto é uma máquina", diria você. Depois faça-o ter a certeza disso. Leve-o a senti-la, manipulá-la, empurrá-la. "Isto é uma máquina", diga-lhe. E ficaria surpreendido com o tempo que isto pode demorar, mas ficaria igualmente surpreendido com o quanto a certeza dele aumentaria. Devido a todas as complexidades, ele deve aprender a operá-la, deve conhecer primeiro *um dado*. Nem sequer é importante *qual* o dado que ele aprende bem, muito embora seja preferível ensinar-lhe um *dado básico simples*. Pode mostrar-lhe o que ela faz, pode explicar-lhe o produto final, pode dizer-lhe porque foi ele o escolhido para trabalhar com esta máquina. *No entanto*, você *tem que* fazer com que um dado básico fique claro para ele, ou de outro modo ele perder-se-á na confusão.

Confusão é incerteza. Confusão é estupidez. Confusão é insegurança. Quando você pensa em dúvida, estupidez e insegurança, pensa em confusão e em breve tê-la-á aprendido perfeitamente.

O que é então a certeza? É a ausência de confusão. O que é então a inteligência? É a capacidade de controlar a confusão. O que é então a segurança? É a capacidade de passar através de, tornar ou pôr ordem na confusão. Certeza, inteligência e segurança são ausência de confusão, ou capacidade de a manejar.

Como é que a sorte se encaixa na confusão? A sorte é a esperança de que uma oportunidade inesperada possa levar uma pessoa ao sucesso. Contar com a sorte é uma renúncia ao controle. Isto é apatia.

Há o *bom* controle e o *mau* controle. A diferença entre eles é a certeza e a incerteza. O bom controle é certo, positivo, previsível. O mau controle é incerto, variável e imprevisível. Com bom controle tem-se a certeza, com mau controle nunca se tem a certeza. Um responsável que ponha hoje um regulamento em vigor e amanhã não, que obrigue o Jorge a cumprir e o Jaime não, está a exercer um mau controle; sejam quais forem os atributos pessoais daquele responsável, na sua esteira virá a incerteza e a insegurança.

Porque pode haver tanto controle incerto e estúpido, alguns começam a acreditar que todo o controle é mau. Mas isto está muito longe de ser verdade. O controle é necessário se se quiser pôr ordem nas confusões. Para fazer seja o que for, deve-se ser capaz de, até um certo ponto, controlar coisas, o seu corpo, os seus pensamentos.

Poder-se-ia chamar a uma confusão um *acaso descontrolado*. Só aqueles que conseguem exercer algum controle sobre esse acaso conseguem manejar as confusões. Os que não conseguem exercer controle, na verdade apenas geram confusões.

A diferença entre bom e mau controle torna-se então mais evidente. A diferença entre bom e mau, aqui, é uma questão de *grau*. Um controle completo e positivo pode ser previsto por outros. É, portanto, um bom controle. Um controle negativo, desleixado, não pode ser previsto; é, portanto, um mau controle. A intenção também tem algo a ver com controle. O controle pode ser utilizado para propósitos construtivos ou destrutivos; no entanto você descobrirá que quando se

pretendem propósitos destrutivos se utiliza o mau controle.

Assim, há muito que dizer sobre todo este tema da *confusão*. Pode achar muito estranho que a própria confusão seja usada aqui como um objetivo. Mas descobrirá que ela é um excelente denominador comum para tudo o que consideramos mau na vida. E se alguém conseguir dominar as confusões, fica com a sua atenção liberta para uma atividade construtiva. Enquanto alguém se sentir confundido por causa das confusões, todo o seu pensamento girará em torno de coisas destrutivas - o que ele mais deseja é destruir a confusão.

Então aprendamos primeiro como destruir as confusões. E concluiremos como isto é afinal bastante simples. Quando *todas* as partículas parecem estar em movimento, pare uma e veja como as outras se movem em relação a esta, e descobrirá então, que já há menos confusão. Tendo adotado uma delas como *dado estável*, as outras podem ser alinhadas. Desta maneira, uma emergência, uma máquina, um emprego ou a própria vida podem ser compreendidas e uma pessoa pode ser livre.

Vamos dar uma rápida vista de olhos ao modo como isto funciona. No primeiro capítulo enumerámos os fatores que podem influenciar o obter, conservar e melhorar um emprego. Pode-se resolver todo este problema, como as pessoas muito frequentemente fazem, colocando um único dado no problema: "Posso conseguir e conservar um emprego". Agarrando-se a isto como a única coisa em que acreditar, as confusões e as inseguranças da vida tornam-se menos efetivas, menos confusas.

Mas suponha que uma pessoa tenha feito isto: suponha que sem investigar mais o problema, alguém, em jovem, rangia os dentes e fechando os olhos dizia: "Posso conseguir e conservar um emprego, aconteça o que acontecer. Por conseguinte não me vou preocupar mais com a economia da vida". Bem, isso foi muito bom.

Mais tarde, a pessoa é despedida sem aviso. Fica desempregada durante dez semanas. Sentiu-se então, mesmo quando arranjou um novo emprego, menos segura, menos confiante. E digamos que ocorreu um acidente e essa pessoa ficou de novo desempregada. Desempregada mais uma vez, tornou-se ainda menos confiante, menos segura. Porquê?

Vejamos o lado oposto desta Doutrina do Dado Estável. Se o fizermos, aprendemos que os dados estáveis mantêm as confusões sem efeito, e que quando o dado estável é abalado, surge novamente a confusão.

Imaginemos uma confusão como estando parada. Ainda está dispersa mas parada. O que a fez parar? A adoção de um dado estável. Digamos que alguém foi bastante arreliado em casa pela sogra. Um dia, após uma discussão, sai indignadamente e inspiradamente, diz para si próprio: "Todas as sogras são diabólicas". Isso foi uma decisão. Isso, bem ou mal, foi um dado estável adotado numa confusão. Sente-se imediatamente melhor. Agora podia lidar ou viver com o problema. Ele sabia que "todas as sogras eram diabólicas". Não era verdade, mas era um dado estável. Então um dia, quando estava em apuros, a sogra apareceu, toda ela lealdade, e pagou-lhe não só a renda da casa como outra dívida também. Sentiu-se imediatamente muito confuso. Este ato de bondade não devia ter sido uma coisa que o lançasse na confusão. Afinal de contas não lhe solucionou ela o problema? Então por que se zangaria com isso? Porque *o dado estável foi abalado*. Toda a confusão do problema passado entrou novamente em ação por causa da demonstrada falsidade do dado estável.

Para confundir qualquer pessoa, basta localizar os seus dados estáveis e invalidá-los. Por meio de crítica ou prova, basta apenas agitar alguns dados estáveis para que todas as confusões dessa pessoa voltem a entrar em ação.

Como vê, os dados estáveis não têm que ser verdadeiros. São simplesmente adotados. Uma vez adotados, uma pessoa então examina outros dados em relação a estes. Assim, a adoção de *qualquer* dado estável tenderá a anular a confusão referida. Mas se esse dado for abalado, anulado, refutado, então essa pessoa fica novamente com a confusão. É claro, tudo o que uma pessoa tem de fazer é adotar um novo dado estável ou voltar a pôr o anterior novamente no lugar, mas para o fazer com facilidade teria de conhecer Cientologia.

Digamos que alguém não receia a economia nacional por causa de uma heroica figura política estar a tentar fazer o melhor que pode. Esse homem é o dado estável para todas as suas confusões acerca da economia nacional. Portanto, esse alguém "não está preocupado". Mas um dia as circunstâncias ou os seus adversários políticos agitam-no como um dado. Eles "provam" que ele foi realmente desonesto. É então que esse alguém fica novamente preocupado com a economia nacional. Talvez você adotasse alguma filosofia, porque o orador lhe pareceu um tipo muito simpático. Então, alguém lhe prova cuidadosamente que o orador era na verdade um ladrão ou até pior. Você tinha adotado essa filosofia porque necessitava de alguma paz nos seus pensamentos. Invalidando o orador, regressaria então imediatamente à confusão que tinha enfrentado anteriormente.

Pois bem. Examinámos a confusão do mundo do trabalho diário quando éramos jovens e a sustínhamos ao afirmar perentoriamente: "Posso arranjar e manter um emprego". Este era o dado estável. Arranjámos de facto um emprego. Mas fomos despedidos. A confusão do mundo do trabalho diário tornou-se então muito confusa. Se tivermos apenas um único dado estável: "Posso arranjar e manter um emprego", como a nossa resposta global a toda esta diversidade de problemas enumerados no primeiro capítulo, então, uma pessoa vai seguramente passar por alguns períodos confusos na sua vida de trabalho. Um dado estável de longe, mas de longe muito melhor seria: "Eu compreendo a vida e os empregos. Desta forma, posso arranjá-los, mantê-los e melhorá-los". E é nessa direção que vamos neste livro.

3

O Trabalho é Necessário?

É necessária uma compreensão da vida para a viver. De outra forma a vida torna-se uma armadilha. Para tantos de nós, no mundo do trabalho diário, esta armadilha toma a forma de *trabalho*.

Se ao menos não tivéssemos de trabalhar quantas coisas maravilhosas poderíamos fazer! Se ao menos tivéssemos outra maneira de ganhar dinheiro... viagens, férias, roupas novas..., quantas coisas seriam nossas se ao menos não tivéssemos de trabalhar!

É quase um fator educacional na nossa sociedade que a coação do trabalho é a raiz da nossa infelicidade. Ouvimos sindicatos, políticas governamentais de bem-estar, bem como certos indivíduos, basear todos os seus apelos numa redução do trabalho. Ver-se livre de trabalho em virtude da redução de horas e da introdução de maquinaria automática tornou-se a palavra de ordem de metade do século XX.

Contudo, a coisa mais desencorajante que poderia acontecer à maioria de nós seria a perda de todos os futuros empregos. Negarem-nos o direito ao trabalho é negar toda a participação na sociedade em que vivemos.

O filho do homem rico, a viúva endinheirada, nenhum deles trabalha. Nenhum deles é são. Quando procuramos neurose e idiotice na nossa sociedade, olhamos para aqueles que não trabalham ou não conseguem trabalhar. Quando estudamos o passado de um criminoso, vemos a "incapacidade para trabalhar". O direito ao trabalho parece estar, de algum modo, ligado à felicidade e ao prazer de viver. E pode-se demonstrar que negar trabalho está ligado à loucura e à insanidade.

À medida que aumenta a quantidade de maquinaria automática na nossa sociedade, assim aumenta a percentagem do nosso povo que é insana. Leis relativas ao trabalho de menores, injunções contra as horas extraordinárias, exigências de muita papelada, habilitações e condições de existência, todos se combinam para reduzir a quantidade de trabalho que pode ser feito por um indivíduo.

Alguma vez viu um homem aposentado saudosos da sua mesa de trabalho? Hoje, a "doutrina do trabalho limitado" leva-nos a acreditar que numa certa idade temos de parar de trabalhar. Porque é isto tão popular quando vemos, por nós mesmos, que o fim do trabalho é o fim da vida na maioria dos casos?

Falando politicamente por um momento, e do ponto de vista de sanidade, o homem precisa muito mais do direito ao trabalho do que de infundáveis liberdades fictícias. E no entanto, temos o cuidado de desencorajar, junto dos nossos filhos e na nossa sociedade, as pessoas que *geram* trabalho. A menos que o trabalho seja gerado, não haverá trabalho para fazer. O trabalho não é

uma coisa que surja já feita à frente dos nossos olhos. O trabalho é algo que é criado. Novos inventos, novos mercados, novos sistemas de distribuição têm de ser criados e trazidos à existência, à medida que os tempos mudam e os métodos antigos, mercados antigos, sistemas antigos se tornam inadequados e gastos pelo uso. Alguém criou os empregos que desempenhamos. Quando trabalhamos, executamos um trabalho criado por nós ou por outra pessoa.

Num emprego não basta ir fazendo o trabalho sem esforço. O trabalho, dia após dia, tem de ser realizado por nós, independentemente de quem primeiro o criou.

Trabalhar é participar nas atividades da nossa sociedade. Negarem-nos a participação nas atividades da nossa sociedade é sermos rejeitados por ela.

Alguém inventou a diferença entre trabalho e divertimento. O divertimento foi encarado como algo interessante e o trabalho como uma coisa árdua e necessária, e por conseguinte, não interessante. Mas quando estamos em férias e nos vamos "divertir", ficamos normalmente muito satisfeitos por regressar ao "desgaste do dia-a-dia". O divertimento quase não tem propósito. O trabalho tem um propósito.

Na realidade, apenas a constante recusa, por parte da sociedade, em dar-nos trabalho resulta no nosso desagrado pelo trabalho, quando ele existe. Foi proibido o direito de trabalhar ao homem que não consegue trabalhar. Quando examinamos a história de um criminoso notoriamente incapaz de trabalhar, descobrimos que foi primeira e principalmente convencido de que não deveria trabalhar - foi proibido de trabalhar quer pelo pai, quer pela mãe, quer pela escola ou na sua infância. Parte da sua educação foi a ideia de que não devia trabalhar. Que lhe restava? Vingança contra a sociedade que lhe recusou deixá-lo tomar parte nas suas atividades.

Voltemos a definir trabalho e divertimento. O divertimento deveria ser chamado "trabalho sem um propósito". Também poderia ser chamado "atividade sem propósito". Isso levar-nos-ia a definir o trabalho como uma "atividade com propósito".

As críticas que fazemos ao trabalho provêm do nosso medo de que não nos seja permitido continuar a trabalhar.

Não há nada de errado com a automatização, com toda esta instalação de máquinas para fazerem o nosso trabalho, desde que as autoridades se lembrem de criar *trabalho adicional* para nós. A automatização pode ser uma bênção para o mundo inteiro, *desde que* sejam criados tantos empregos quantos os que forem encerrados pela maquinaria. *Então* teríamos produção! E se as autoridades não tratassem de forma inepta as suas economias fundamentais e criassem o dinheiro suficiente para comprarmos todos os novos produtos, *ai* haveria sem dúvida prosperidade. Assim, a culpa não é da automatização; se a automatização deixa pessoas desempregadas, não foi permitido que alguém inventasse novos empregos para nós. É claro que se todo o novo negócio fosse esmagado pelas restrições, e se todo o homem que inventasse trabalho fosse impedido de o fazer, então, e só então, a maquinaria automática traria a nossa queda.

Apesar das alegrias das férias e divertimento sem fim, tão amplamente divulgadas pela publicidade, tais coisas nunca constituíram mais do que uma maldição para o Homem. A primeira menção a isto foi feita por Homero nas Ilhas Lotus. E não é que aquela tripulação sucumbiu!

Não, definitivamente há mais a dizer em relação ao trabalho e em relação a trabalhar do que ter que ter um salário. É claro que há trabalhos mais interessantes do que outros. É claro que há lugares melhor remunerados do que outros. Mas, quando se compara o direito de ter um lugar com *nenhum* direito de o ter, então escolher-se-á mesmo as tarefas menos interessantes e as que são pior pagas.

Sabia que um louco pode tornar-se sã convencendo-o simplesmente que ele tem um propósito na vida? Bem, isto pode acontecer. Não interessa quão ténue ou artificial tal propósito possa ser, os loucos podem-se tornar sãos com isto. Temos o exemplo de uma rapariga louca por quem nada se podia fazer. Este era o ponto principal no caso dela: não se podia fazer nada *por ela*. Mas uma noite, perto do hospício, ocorreu um acidente de automóvel, e um médico cheio de trabalho, vendo-a ali por perto, ordenou-lhe que fizesse alguma coisa pelas vítimas. Ela ficou boa. Tornou-se uma enfermeira. E nunca mais, a partir daí foi insana.

Pois bem, ninguém pretende que sejamos todos loucos se não trabalharmos. Contudo, é surpreendente como somos levados nessa direção quando nos proíbem de trabalhar.

As grandes revoluções nascem de uma incapacidade de trabalhar das massas. As multidões revoltam-se não por estarem zangadas por causa de privilégios, como sempre dizem, mas por endoidecer por não terem trabalho. É verdade que as revoluções não podem ocorrer quando todas as pessoas estão empregadas. E nem sequer interessa quão arduamente estão empregadas. As revoluções ocorrem quando as pessoas têm sido com demasiada frequência impedidas de trabalhar. Crescem em loucura e o país frequentemente afunda-se em ruínas. Nunca *nenhuma* revolução alguma vez ganhou algo. A vida evolui para uma melhor condição através de trabalho duro, não por ameaças.

Se a maquinaria automática desempregar muita gente, ainda que as máquinas estejam a produzir bastante, haverá uma revolução. Porquê? Porque roubando-lhes o trabalho, roubou-se às pessoas um propósito na vida. Quando este se vai, tudo se vai.

Um propósito, bom ou mau, não importa, desde que exista um propósito. Porquê?

Bem, não pense que nos afastámos muito do último capítulo. De modo nenhum. Aqui está uma compreensão da vida. A vida tem certos dados estáveis que *são os* dados estáveis da existência. Uma vez entendidos, a vida, e aquela parte dela chamada trabalho, pode então ser compreendida.

A vida é basicamente uma coisa criada. Mas contém muitos elementos que estão a criar em oposição a muitos outros elementos nela. Uma confusão ocorre, sempre que duas ou mais coisas começam a criar, uma em oposição à outra. Assim, a vida vista imparcialmente, pode parecer uma confusão.

Se alguém tivesse que permanecer no meio de toda esta vivência, toda esta criatividade, todo este estado de guerra, sem propósito algum, a sua existência, no seu todo, seria fatal. Ser parte de um universo, de uma civilização, e no entanto não ter um propósito, é o caminho para a loucura.

O uso de energia, o exercício, o tempo gasto, as coisas executadas, são todos de um grau de menor importância. Ter simplesmente *algo para fazer* e uma *razão para o fazer* exerce um controle sobre a própria vida. Se você não tiver um propósito, não está numa posição de vantagem em

relação à primeira partícula necessária para tornar o todo compreensível. Desse modo a vida pode tornar-se um fardo terrível.

Nos anos 30, nos Estados Unidos e noutros países, existiu algo chamado Depressão. Surgiu de uma falta de compreensão da economia durante um período de transição para uma era da máquina. Enquanto isto, um grande presidente viu que tinha sido negado o trabalho ao seu povo. Ele criou trabalho. Pensou que tinha feito isto para pôr dinheiro em circulação a fim de comprar todas as coisas que o país agora podia produzir. Como consequência disso, não conseguiu realmente salvar do desespero a maior parte do povo. Pois o trabalho que lhes deu era para ser feito de uma maneira descuidada e deficiente. Tudo o que se exigia era que se passasse tempo no trabalho. Teve uma excelente oportunidade de transformar um país numa coisa bela. Mas o trabalho dado não tinha propósito nenhum.

Os homens que detestam um ou outro trabalho detestam-no porque não veem para onde vai ou não acreditam que estão a fazer algo de importante. Eles estão "a trabalhar", o que quer dizer que se apresentam, fazem o trabalho rotineiramente e recebem um salário. Mas não são verdadeiramente parte do esquema das coisas. Eles não sentem que têm alguma coisa a ganhar.

Na nossa civilização o dado estável para a confusão da existência é o *trabalho*. E o dado estável do trabalho é o propósito. Mesmo que o propósito seja apenas o vencimento, continua a ser um propósito.

Provavelmente qualquer um de nós poderia executar tarefas mais importantes do que as atuais. Qualquer um de nós poderia tirar partido de algumas mudanças nas nossas tarefas. Mas nenhum de nós poderia passar sem ter nada para fazer, e ainda assim conservar-se vivo e são.

Quando nos tornamos tímidos em face de circunstâncias, é porque o nosso propósito, os nossos dados estáveis, têm sido invalidados.

Como demonstrámos, é bastante fácil lançar alguém num estado de confusão. Tudo o que você tem a fazer a uma pessoa é localizar o seu dado estável num assunto e abalá-lo. Isto é um truque que todos usamos. Por exemplo, estamos a discutir com um amigo sobre economia. Não concordamos com ele. Perguntamos-lhe onde é que ele foi buscar tal ideia. Ele diz que alguém a escreveu em qualquer lado. Atacamos o escritor ou jornal e desacreditamo-lo. Por outras palavras, ganhamos a nossa discussão abalando, tanto quanto possível, o seu dado estável.

A vida é competitiva. Muitos de nós esquecemos que fazemos parte de uma equipa chamada Homem, em competição contra sabe-se lá que mais, para sobreviver. Atacamos o Homem e atacamos os nossos amigos. Enquanto mantemos um emprego, parece muito natural que, aqui e ali na organização, existam pessoas que estão tão inseguras nas suas próprias tarefas, que procuram espalhar a insegurança à sua volta.

Tendo tomado um trago demasiado grande de confusão, possuindo muito poucos dados estáveis, uma pessoa pode começar a dramatizar confusão e espalhá-la para, conscientemente, tentar tornar tudo e todos confusos. Um dos alvos preferidos destas pessoas é o dado estável do trabalho. Embora normalmente tais pessoas não consigam sequer executar os seus próprios trabalhos, ficam muito ansiosas em fazer que com os outros se cansem dos seus. Elas "limitam a sua competição" cortando o dado estável dos outros.

Tenha cuidado com as pessoas que se aproximam e perguntam "com compaixão" pela sua saúde, porque você parece estar "cansado por ter trabalhado demais". É quase mais fácil ficar "cansado por ter vadiado demais" do que por ter trabalhado demais. Acautele-se com estas pessoas que querem que você assine uma petição para a redução das horas de trabalho. O produto final disso é nenhum emprego. E cuidado, também, com o sujeito que está sempre a tirar "à empresa" porque a empresa possui recursos para isso. Lembre-se, essa firma é sua em parte, mesmo se amanhã o despedirem. Tais pessoas estão a tentar minar o seu dado estável do trabalho.

Se você receia perder o emprego, é porque sofre já de demasiadas limitações para trabalhar. A única maneira de conservar o emprego é executar diariamente o trabalho, criá-lo e mantê-lo criado. Se você não tem nenhum desejo de criar e continuar esse emprego, então deve haver algo que se opõe ao propósito deste. Há alguma coisa errada entre o que você pensa que seja um bom propósito e o propósito do seu emprego.

Os empregos do Estado são um exemplo interessante, porque de uma maneira geral ninguém se importa se o trabalho tem ou não um propósito. O propósito de se ter um emprego do Estado é, com demasiada frequência, apenas ter um emprego do Estado. Aqui, em particular, temos de compreender a vida e o próprio trabalho, pois um emprego do Estado tem que ser continuamente criado para ter continuidade. E se parecer que não tem propósito, então uma pessoa deveria examinar o próprio governo e descobrir *o seu* propósito, pois o propósito do governo, como um todo, seria em parte o propósito do cargo ocupado, por mais pequeno que fosse.

Alguém que sofra de um desagrado pelo trabalho tem de, basicamente, ter uma impressão de que não lhe é realmente permitido trabalhar. Assim, o trabalho não é um dado estável na vida. E esse alguém tem de ter igualmente algum propósito-cruzado em relação aos propósitos do seu emprego. E também está, normalmente associado no seu trabalho a pessoas que tentam transformar o trabalho em algo menos do que agradável. Mas é de ter pena dele porque ele é infeliz. É infeliz porque está confuso. Porque está ele confuso? Porque não possui um dado estável para a sua vida. E, um dado estável para a própria vida constitui a base de um bom viver, assim como de uma boa orientação num emprego.

4

O Segredo da Eficiência

O que é o controle?

Quer uma pessoa manuseie uma máquina do tamanho de um carro ou pequena como uma máquina de escrever ou mesmo uma caneta, ela depara-se com os problemas do controle. Um objeto não tem nenhuma utilidade para alguém se não puder ser controlado. Tal como um dançarino tem de ser capaz de controlar o seu corpo, também um trabalhador de um escritório ou de uma fábrica tem de ser capaz de controlar o seu corpo, as máquinas com que trabalha e, até certo ponto, o ambiente que o cerca.

A diferença principal entre "o trabalhador" de um escritório ou fábrica e um executivo, é que o executivo controla as mentes, corpos e o ordenamento de comunicações, matérias-primas e produtos e o operário controla, na maioria dos casos, as ferramentas que estão perto dele. Contudo, é demasiado fácil, para os que estão ansiosos por agitar os trabalhadores para medidas não necessariamente boas para eles, e para os executivos, eles próprios ansiosos por controlar, esquecer que o trabalhador que não controla os materiais do seu trabalho, sendo ele próprio apenas um fator controlado, se torna praticamente inútil para a própria fábrica.

Ambos, gerência e operários, têm de ser capazes de controlar os seus ambientes imediatos. A diferença mais aparente entre um executivo e um "operário" é que o executivo controla mais ambiente que o "operário". Até esse ponto, o executivo deve então ser mais capaz do que o "operário" ou a fábrica, ou o negócio está condenado a passar por dificuldades, se não mesmo ao fracasso.

O que é um bom trabalhador? É aquele que pode controlar positivamente o seu equipamento ou ferramentas ou o que pode controlar as linhas de comunicação com as quais está intimamente ligado.

O que é um mau trabalhador? Um mau trabalhador é o que é incapaz de controlar o equipamento que é suposto controlar ou as linhas de comunicação que é suposto manejar.

As pessoas que gostam de controlar as outras mas que não desejam que as outras controlem seja o que for, colocam-nos numa situação difícil, por estabelecerem um sofisma. Esse sofisma é que existe uma coisa chamada "mau" controle. O controle ou é bem feito ou não é feito. Se uma pessoa controla alguma coisa, está a controlá-la. Se a controla deficientemente, não a está a controlar. Uma máquina que está a ser bem manipulada está controlada. Uma máquina que não está a ser bem manipulada não está a ser controlada. Por conseguinte, esse mau controle é verdadeiramente um não controle.

As pessoas que lhe dizem que o controle é mau, estão a tentar dizer-lhe que os acidentes

de viação e os acidentes industriais são bons. A tentativa de controle para propósitos maus ou encobertos é perniciososa e traz consigo o ingrediente do desconhecimento. A pessoa que está a tentar controlar não está verdadeiramente a controlar. Está simplesmente a procurar controlar e os seus esforços são principalmente indefinidos e não positivos, o que, é claro, são características que o próprio controle não permite. Quando o desconhecimento entra no controle, este pode tornar-se antipático, mas não constitui um facto. Se alguma vez controlou encobertamente o seu carro, compreenderá o que isto significa. Se manejar o seu volante de tal modo que o carro não "saiba" que caminho deve seguir, em breve você se encontrará metido em dificuldades. Você deve manejar o volante de um carro de tal modo que o carro dê as voltas devidas e se mantenha a direito numa estrada reta. Não há nada escondido quanto às suas intenções de controlar o carro e não há nada de desconhecido acerca da resposta do carro. Quando um carro deixa de responder ao seu manejo do volante, o controle deixa de existir.

Por outras palavras, ou controlamos alguma coisa ou não. Se não o fazemos, criamos uma designação errada. Criamos a ideia de que existe uma coisa chamada "mau controle".

As pessoas que têm sido "mal controladas", que é o mesmo que dizer que têm sido apenas agitadas e de modo nenhum controladas, começam a acreditar que existe alguma coisa má acerca do controle, mas na realidade não sabem o que é o controle, visto que não foram de facto controladas.

Para compreender isto melhor, teríamos de conhecer um dos princípios mais básicos de Cienologia, que é a anatomia do controle. Em parte, este princípio consiste no seguinte: o controle pode ser subdividido em três partes separadas. Estas partes são, *começar, mudar e parar*.

Começar, mudar e parar também compreendem um ciclo de ação. O ciclo de ação vê-se no simples rodar de uma roda. A roda começa a rodar, e então um dado ponto nela muda a sua posição e então a roda é parada. Não importa por quanto tempo a roda esteja em movimento, ela ainda segue este ciclo de ação. Um homem ao caminhar por uma curta distância começa, muda a posição do seu corpo e pára o seu corpo. Se faz isto, completou um ciclo de ação. Dentro de um quadro maior, uma empresa começa, continua e em determinada data, mais tarde ou mais cedo, deixa de existir. Em mudar, temos mudança de posição no espaço ou mudança de existência no tempo. Em começar, temos simplesmente o começo, e em parar temos simplesmente parar. As coisas podem começar lenta ou rapidamente, as coisas podem parar lenta ou rapidamente, e podem mudar muito rapidamente enquanto prosseguem. Assim, o grau de velocidade do começar, do mudar e do parar pouco têm a ver com o facto de que um ciclo de ação consiste, de facto, em começar, mudar e parar.

Os antigos referiam-se a este ciclo de ação de uma maneira muito mais pormenorizada. Vemos que os Hinos védicos falam de um ciclo de ação da seguinte forma: primeiro há o caos, depois do caos algo emerge e pode-se dizer que nasce, cresce, persiste, define e morre, e que se segue o caos. Embora em essência isto não seja uma exposição rigorosa, é o mais antigo exemplo de um ciclo de ação.

Um exemplo moderno de um ciclo de ação dado por Cienologia está explicado de uma maneira muito mais simples e muito mais precisa. Um ciclo de ação é começar, mudar e parar. Isto é paralelo a outro ciclo de ação, que é o da própria vida. O ciclo de ação da vida é a *criação, sobrevivência e destruição*. Poder-se-ia dizer que sobrevivência seria qualquer mudança, quer em tamanho quer em idade ou em posição no espaço. A essência da sobrevivência é a mudança.

Criação é, está claro, começar; destruição é, está claro, parar. Assim temos em Cientologia dois muito úteis ciclos de ação: o primeiro deles sendo começar mudar e parar, e o mais detalhado sendo criar, sobreviver e destruir.

Começar, mudar e parar implicam as condições de um ser ou de um objeto. Criar, sobreviver e destruir implicam a intenção da vida em relação aos objetos.

Controle consiste inteiramente em começar, mudar e parar. Não existem outros fatores no controle positivo. Se uma pessoa pode começar alguma coisa, mudar a sua posição no espaço ou existência no tempo e pará-la, tudo pela vontade, pode-se dizer que controla isso, seja isso o que for. Se uma pessoa mal consegue começar uma coisa, só com dificuldade pode continuar a sua mudança de posição ou de existência no tempo, e se ela só conseguir parar alguma coisa de modo duvidoso, não se pode dizer que a controla bem, e para os nossos propósitos dir-se-ia que era capaz de a controlar mal ou perigosamente. Se não pode começar alguma coisa, se não pode mudar a sua posição no espaço, se não pode parar alguma coisa, não está decididamente a controlá-la. Se está a tentar começar, mudar e parar alguma coisa ou alguém, sem positivamente o fazer, introduziu desconhecimento na atividade e o resultado será, no mínimo, questionável.

Existe portanto uma coisa a que se chama "bom controle". Bom controle consistiria em ter conhecimento e certeza. Uma rapariga que pode começar a escrever à máquina, continuar a sua atividade e pará-la, pode dizer-se que controla a máquina de escrever. Se ela tivesse dificuldades em começar, em continuar a sua atividade e em pará-la, estaria não só a ter um "mau controle" da máquina de escrever, como seria uma má dactilógrafa.

Onde o "mau controle" entra, também entram a incompetência, os acidentes, as dificuldades, a desobediência, a ineficiência, e não menos importante, uma considerável miséria e infelicidade. Ao definirmos mau controle como não controle, ou como uma desconhecida tentativa de controle sem na realidade o efetuar, podemos dizer que a incerteza resulta num grande número de dificuldades.

Para lhe dar uma ideia de quão longe isto podia chegar na vida, imagine alguém a movimentá-lo à volta de uma sala. Este alguém dir-lhe-ia para ir até à secretária, em seguida até à cadeira e depois até à porta. De cada vez que lhe diz para ir a algum sítio, você com certeza tem de andar, mudar a posição do seu corpo e parar. Agora, por estranho que pareça, você não se importaria com isto se soubesse que alguém lhe estava a dizer para fazer algo e você fosse capaz de executar a ação, e não recebesse ordens de uma forma tal que interrompesse a sua obediência ao comando antes de completar a ação. Digamos, por exemplo, que alguém o mandou ir até à secretária, mas que antes de você lá chegar o mandava ir até à cadeira, e que antes de chegar à cadeira o mandava ir até à porta e ainda reclamava que você está errado por não ter ido até à secretária. Nessa altura você sentir-se-ia confuso. Isto seria "mau controle", já que não lhe permite acabar um dos ciclos de ação antes de lhe ser exigido outro ciclo de ação. Assim, os seus ciclos de ação tornam-se complicados e resulta uma confusão. Mas isto, na essência, não seria controle, pois o controle tem de envolver uma certeza compreensível ou conhecida. O bom controle não alteraria a ordem antes de você ter a oportunidade de chegar à secretária. Deixá-lo-ia chegar à secretária antes de lhe pedir que se dirigisse à porta. Assim, você não se importaria com o controle positivo, mas é certo que ficaria bastante aborrecido com a interrupção das ordens que o impediam de completar qualquer ciclo de ação. Então, para lhe dar uma ideia de como isto pode ter influência na vida, quem preferiria você que lhe desse a série de ordens, acima, para se mover

dentro de uma sala: o seu pai ou a sua mãe? É certo que você teria mais problemas com aquele que não escolhesse para lhe dar essas ordens.

O controle está longe de ser mau quando uma pessoa que é sã e se encontra em boa forma não se ofende com o controle bom e positivo e é, ela própria, capaz de aplicar um bom e verdadeiro controle às pessoas e objetos. Uma pessoa que não está em boa forma ofende-se mesmo com as instruções mais comuns e não é realmente capaz de controlar pessoas ou objetos. Essa pessoa também não é eficiente e tem muitas dificuldades no trabalho e na vida.

Quando uma pessoa não consegue controlar as coisas ou quando se opõe a que as coisas o controlem, envolve-se ela própria em dificuldades não só com as pessoas mas também com os objetos. É também evidente que as pessoas com dificuldades de controle estão mais propensas a adoecer e a falhar de outros modos.

Quando uma pessoa se acha incapaz de controlar uma máquina, acontece frequentemente que a máquina inverte o assunto e começa a controlá-la. Como exemplo temos um condutor que não consegue exercer um controle positivo sobre o carro e que é eventualmente controlado por esse carro. Em vez de um condutor conduzir um carro a descer uma rua, temos um carro a levar um "condutor" pela rua abaixo, e mais tarde ou mais cedo o carro, não sendo grande técnico de controle, atira o seu condutor para uma valeta.

Mesmo as falhas mecânicas são atribuíveis a uma falta de controle. Descobre-se que um indivíduo que não consegue facilmente controlar uma máquina está sujeito a encontrar consideráveis dificuldades com essa máquina. A própria máquina sofre por vezes de maneiras quase inexplicáveis. Há motores que funcionam bem com alguns homens e não com outros. Algumas máquinas trabalham bem durante anos nas mãos de um mecânico e quando este as deixa e o outro que o substitui não é apto, a máquina pode parar e experimentar dificuldades nunca anteriormente notadas. Estamos a alongar um pouco as coisas para frisar que uma pessoa que não consegue controlar coisas apenas necessita de olhar para uma peça da máquina para a avariar, e há mesmo registos de casos em que isto aconteceu. O fator em questão é mais facilmente entendido, por exemplo, num departamento de contabilidade. Uma pessoa que não pode controlar números, é claro que mais tarde ou mais cedo estabelece nos livros com os quais trabalha, dificuldades e complicações que nem um perito em contabilidade consegue desfazer.

O ciclo de ação deste universo é começar, mudar e parar. Esta é também a anatomia do controle. O assunto do controle é quase todo sintetizado na capacidade de começar, mudar e parar as atividades de alguém, corpo e o que o cerca.

Um hábito é simplesmente algo que não se consegue parar. Aqui temos um exemplo de não controle, seja de que tipo for, e foi dado o passo para além do último limite de controle completamente perdido. O controle começa a diminuir quando se pode mudar e parar coisas mas não se é ainda capaz de as começar. Uma vez começada uma coisa, essa pessoa pode modificá-la e pará-la. Uma outra diminuição de controle, se assim podemos chamar-lhe, seria a perda de uma capacidade para mudar algo ou continuar a sua existência no tempo. Isto deixaria alguém simplesmente com a capacidade de parar coisas. Quando finalmente se perde a capacidade de parar uma coisa, esta torna-se até certo ponto dominadora.

No parar do começar, mudar e parar, vemos, na essência, a totalidade do dado estável. Se

pudermos parar uma partícula ou dado numa confusão de partículas ou de dados, começa-se então a ter o controle dessa confusão. Relativamente a um monte de telefonemas chegando simultaneamente à central, cada telefonema pedindo insistentemente a atenção de uma telefonista, o controle é assegurado na central por a telefonista parar somente um pedido. Não interessa especialmente qual delas se pára. Atender uma chamada permite atender outra e assim por diante, até se ter mudado a condição da central de uma confusão total para uma situação manejada. Uma pessoa sente-se confusa quando numa situação não existe nada que ela possa parar. Quando se pode pelo menos parar uma coisa numa situação, descobrir-se-á então que é possível parar outras e finalmente recuperar a capacidade para mudar certos fatores numa situação. Daqui ela muda gradualmente para uma faculdade de mudar qualquer coisa na situação e finalmente é capaz de começar uma linha de ação.

Descobre-se então que o controle está intimamente ligado à confusão. Um trabalhador que fica facilmente confuso é um trabalhador que não consegue controlar as coisas. Um executivo que entra em pânico face a uma emergência é um executivo que, mesmo nas boas alturas, não parece ter qualquer capacidade para realmente começar, mudar e parar situações nas quais está envolvido como executivo.

O pânico, o desespero, a incompetência, a ineficiência e outros fatores indesejáveis num emprego são todos eles indicadores de inaptidões para começar, mudar e parar coisas.

Digamos que uma fábrica tem um bom gerente. O gerente pode começar, mudar e parar as várias atividades nas quais a fábrica está envolvida; pode começar, mudar e parar as várias máquinas da fábrica; pode começar, mudar e parar as matérias-primas e produção da fábrica; e pode começar, mudar e parar as várias dificuldades e atividades da mão-de-obra. Mas digamos que esta fábrica é bastante desafortunada por ter nela, apenas uma pessoa que pode começar, mudar e parar coisas. Agora, a menos que o executivo vá manejar todas as entradas de matérias-primas, ligar e desligar todas as máquinas, colocar todas as peças em ordem e despachar ele próprio os produtos finais, ele não poderá gerir a fábrica. Do mesmo modo, um gerente administrativo que pode começar, mudar e parar qualquer das atividades de um escritório ou controlá-las, se fosse a única pessoa no escritório a poder fazê-lo, não teria realmente capacidade para gerir um grande escritório.

Numa fábrica ou num escritório é, pois, necessário que um executivo, por mais competente que possa ser, seja auxiliado por subordinados não relutantes em serem começados, mudados e parados por ele, mas que possam eles próprios começar, mudar e parar as atividades ou o pessoal na sua ação na fábrica.

Colocando então um bom executivo à frente de uma fábrica ou escritório e dando-lhe bons subordinados (definindo como bons as suas capacidades de começar, mudar e parar coisas), experimentaríamos ainda dificuldades se, procurando mais abaixo no organigrama, descobríssemos que não tínhamos trabalhadores que fossem capazes de começar, mudar e parar os seus próprios postos. Teríamos aqui uma condição em que o executivo e o encarregado seriam forçados a fazer tudo o que era necessário fazer na fábrica. Para efetivamente se ter uma boa fábrica era preciso haver um executivo, um encarregado e trabalhadores que no seu próprio meio ambiente fossem capazes de começar, mudar e parar coisas e que, ao mesmo tempo, e isto inclui os executivos, não fossem relutantes em ser começados, mudados e parados nos seus deveres, contanto que as instruções dadas fossem positivas e compreensíveis.

À medida que examinamos este fator, vemos cada vez menos a imagem da "gerência" e "trabalhadores" que nos é normalmente apresentada nas fábricas e escritórios. Logo que descobrimos numa fábrica um trabalhador que não tem de começar, mudar e parar-se a si próprio ou qualquer outra coisa, encontramos então alguém que justificaria este título de "trabalhador". É evidente que desde o mais alto membro da administração até ao trabalhador mais humilde da folha de salários, todos e qualquer um deles se encontram ligados ao começar, mudar e parar pessoas, materiais, máquinas, produtos e peças na sua esfera de trabalho. Por outras palavras, todos e qualquer um dos que trabalham numa fábrica ou num escritório estão efetivamente a gerir alguma coisa. Logo que um executivo descobre isto pensa então ser capaz de gerir um negócio bastante mais eficiente, já que é capaz de selecionar, de entre as pessoas, aquelas que são melhores em começar, mudar e parar coisas, e essas, por exemplo, podem trazer outras para um estado de espírito em que também desejem positivamente começar, mudar e parar coisas.

Contudo, no que respeita aos executivos, encarregados ou trabalhadores, encontramos presentemente pessoas que estão presas exclusivamente a um ou outro dos fatores de controle ou que são incapazes de se ajustar a qualquer dos fatores de controle. Assim, encontramos em qualquer fábrica, escritório, trabalho ou atividade - mesmo no governo - uma considerável confusão que não existiria se as pessoas fossem capazes de controlar o que supostamente deviam controlar.

Há pessoas no mundo do trabalho diário, quer sejam gerentes ou empregados de limpeza, que, por exemplo, estão fixas (presas) em começar. Estas pessoas podem começar, todo o dia e toda a noite, mas nunca continuam. Tais pessoas falam de grandes projetos e grandes negócios; falam cheios de entusiasmo acerca de continuarem, mas nunca parecem mover-se.

Outros, não interessa a sua classe ou extrato, fixam-se na mudança. Manifestam isto, normalmente pela insistência de que tudo "vai andando". Falam sempre a respeito de "manter as coisas a andar" mas não irão escutar qualquer ideia nova ou não aceitarão nenhuma nova máquina desde que para tal necessitem de imobilizar qualquer máquina velha e arrancar com outra nova. Assim, temos fábricas e sistemas antiquados para todo o sempre, muito para além da sua inutilidade ou valor económico. Uma subdivisão disto é aquele que tem de alterar tudo a toda a hora. Isto é efetivamente outra manifestação de tentar manter as coisas a andar, mas em vez de manterem as coisas a andar estas pessoas mudam tudo o que há para ser mudado a toda a hora. Se uma ordem for emitida, elas alteram-na. Se receberem ordem para partir, elas alteram-na para ficar. Isto, no entanto, como será visto, é uma condição desequilibrada, em que estas pessoas, na verdade, estão relutantes em manter as coisas a andar e estão na realidade num parar obsessivo.

Fábricas, negócios, oficinas, navios e mesmo o governo são particularmente vitimados por pessoas que só conseguem parar as coisas. Por melhor que alguma unidade possa estar a ser administrada, virá uma ordem que pára o que quer que se esteja a fazer. Para pessoas assim, é suficiente descobrirem que se vai fazer uma coisa para a obrigarem a parar. Normalmente dá-se a volta a isto não informando essas pessoas de que algo está a acontecer.

Portanto, podemos ver que há pessoas que abusam do ciclo de ação de começar, mudar e parar e que elas próprias estão fixas num ou noutro fator do ciclo de ação ou ainda que são incapazes de se opor a qualquer fator em si, o que obviamente significa que se encontram numa contínua e árdua confusão.

É digno de nota que essas pessoas que apenas conseguem começar coisas são normalmente

criativas. O artista, o escritor, o *designer* são vistos como iniciadores de coisas. Na realidade devem ser também capazes de continuá-las ou pará-las, mas a sua função mais genuína é criação.

Há entre os homens muito racionais e bons aqueles cuja maior capacidade é a de continuar as coisas. Também podem começar e acabar coisas se na realidade as puderem continuar. É destes homens que dependemos para a sobrevivência de um negócio ou de uma operação.

Em seguida, há um grupo que é utilizado pela sociedade para parar as coisas. Tais pessoas têm normalmente funções de polícia. Certas coisas que são declaradas más e assim denominadas, são transferidas para as pessoas que as podem parar. A produção defeituosa é parada pelos inspetores. O suborno, a corrupção ou o crime é parado pela polícia. Outras pessoas consideradas agressivas a nível nacional, são paradas pelos militares. E não nos deve causar surpresa que estes especialistas em parar sejam, evidentemente, especialistas em destruição. Nem nos deve causar surpresa o facto de que quando se vê um elemento na sociedade que provavelmente a leva ao declínio, se procure aqueles cujo trabalho é especializado em paragens. Estas pessoas, principalmente enquanto desempenham uma função muito boa para a sociedade em geral, se forem investidas de uma posição de controle, como num Estado policial, apenas destroem o Estado e o seu povo, como tem sido observado desde os dias de Napoleão. A mais recente nação que transferiu todas as funções do Estado para a polícia foi a Alemanha, e esta foi parada completamente. A Alemanha também nada realizou a não ser a destruição.

Quando temos uma sociedade que é muito boa em começar coisas, temos uma sociedade criativa. Quando temos uma sociedade que é boa em manter as coisas a andar, temos uma sociedade que dura. Quando temos uma sociedade que apenas é capaz de parar as coisas, temos uma sociedade que é destrutiva ou que se destrói a si mesma. Por conseguinte, devemos aperceber-nos que é necessário equilíbrio entre estes três fatores de começar, mudar e parar, não só no indivíduo, mas num negócio, e não só num negócio como numa nação. Quando alguém apenas pode fazer uma destas coisas, é consideravelmente limitado na sua utilidade. A condição ótima seria que todos, desde o gerente até ao empregado de limpeza, fossem capazes de começar, mudar e parar e capazes de tolerar serem começados, mudados ou parados. Teríamos assim uma atividade de negócios equilibrada e relativamente não confusa.

Nenhum negócio pode ter êxito a menos que tenha sido devidamente começado, a menos que progrida através do tempo ou mude de posição no espaço e a menos que seja capaz de parar práticas prejudiciais e mesmo concorrentes.

Tal como acontece com uma nação ou um negócio, assim acontece com um indivíduo que tem um só emprego. Devia ser capaz de começar, mudar e parar qualquer coisa sob o seu controle direto. Se ele estiver a trabalhar com uma máquina, tem de ser capaz de a pôr a funcionar, mantê-la em funcionamento (mudando) e pará-la, e isto deve ser feito por seu próprio determinismo. A sua máquina não deve ser posta a trabalhar por qualquer mecânico e parada em qualquer altura do dia, sem qualquer atenção da sua parte. Mais ainda, se ele achar que a máquina deve ser imobilizada e lubrificada, deve ter autoridade para o fazer e não ter de suportar a fúria de um encarregado, que, sem compreender a situação, observou simplesmente que a máquina estava parada e que, segundo ele, devia estar a trabalhar.

Mesmo um empregado de limpeza, para ter alguma eficiência no seu trabalho e assim conservar os escritórios e a fábrica limpos, teria de ser capaz de começar, mudar e parar os vários

objetos que têm que ver com o seu trabalho específico. Não teria de continuar a varrer depois do chão limpo e não devia ter parado de varrer antes de ter limpo o chão, e devia começar a varrer quando achasse que o devia fazer. Naturalmente que se ele for capaz de fazer estas coisas, também é capaz de cooperar com os seus companheiros de trabalho e ele próprio ser parado ou começado ou mudado na sua atividade de maneira a executar a sua tarefa enquanto torna possível aos outros fazerem as suas.

Contudo, aqui antevemos uma nação ou uma fábrica ou um escritório, ou uma pequena secção ou departamento a trabalhar sem qualquer supervisão, quer haja executivos, encarregados e trabalhadores. É duvidoso que a supervisão de outros ocupasse muito do tempo de outros. À medida que a capacidade do trabalhador, do encarregado e do executivo, de começar, mudar e parar as coisas que deviam ser manobradas e controladas diminui, descobre-se que a supervisão entra aqui. Quanto menos as pessoas forem capazes de começar, mudar e parar pessoas ou objetos sob o seu controle direto, tanto mais necessitam de supervisão. Quando a supervisão atinge os oitenta por cento das atividades da fábrica, é certo que a confusão será tão grande que a ineficiência resultará, de um modo tal, que arruinará a atividade.

A supervisão é então na realidade uma apreciação desfavorável dos subordinados. Implica que o subordinado desconheça ou não esteja apto no campo do controle.

Cooperação e alinhamento de atividade é diferente de supervisão. Quando uma pessoa tem uma cadeia de comando não implica necessariamente que tenha supervisão. Contudo, tem-se efetivamente um planeamento coordenado para uma operação completa, que é então apresentada a outros envolvidos nela, de modo que a coordenação possa ter lugar. Se toda a gente concorda com o valor de qualquer atividade e se toda a gente nessa atividade tiver capacidade de, na realidade, controlar os artigos ou as pessoas que estão na sua esfera de ação direta, notar-se-á que o plano não deveria empregar tanta supervisão para levar a efeito a execução das ideias envolvidas. Isto é uma ordem muito elevada de sonhar. Somente onde a Cientologia é completamente praticada pode tal coisa acontecer - uma organização que pode funcionar em acordo consigo própria e sem uma ação de supervisão ou punição.

Somos capazes de avaliar aqueles trabalhadores que nos cercam pelo grau de confusão em que se encontram. Essa confusão diz-nos imediatamente o grau de incapacidade de controlar coisas. Essa incapacidade de controlar coisas pode não ser inteiramente falta do trabalhador. Há duas coisas que podem ser psicóticas: uma é o ambiente e a outra é a pessoa. Um homem normal experimenta dificuldades num ambiente de loucos. Um louco sente-se mal mesmo no ambiente mais são e ordenado. Existem assim dois fatores que concorrem para qualquer operação; a pessoa e o ambiente. Poderia dizer-se também existirem dois fatores que concorrem para qualquer negócio: o próprio ambiente do negócio e o negócio em si. Um negócio racional que tenta funcionar num mundo de loucos teria grande dificuldade em singrar. De uma ou de outra maneira, a incapacidade que o louco tem de começar, mudar e parar coisas iria contaminar o negócio e deteriorar a sua eficiência.

Assim, não basta que um indivíduo seja capaz de controlar o seu trabalho. Tem também de ser capaz de suportar a confusão dos que o cercam e que não conseguem controlar os seus trabalhos ou ter capacidade de suportar o controle são e constante dos que o rodeiam.

A insanidade é contagiosa. A confusão é contagiosa. Já alguma vez falou com um homem

confuso sem que você próprio, no fim da conversa, se sentisse um pouco confuso? Assim acontece no trabalho. Se se trabalhar com um grande número de homens que são incapazes, começa-se a sentir também incapaz. Não basta viver só. É impossível trabalhar só. Entendendo isto, compreendendo também que a sua capacidade de controlar a máquina que está perto de si ou as ferramentas com que lida, vão incluir também a capacidade de ajudar os outros na sua vizinhança a controlar aquelas coisas nas quais estão envolvidos.

Muitos trabalhadores bons têm sido perdidos nas fábricas porque o bom trabalhador não pode fazer o seu trabalho suficientemente bem para o satisfazer, sendo confrontado no seu trabalho com muitos elementos confusos e ordens que ele por fim rejeita. Assim bons trabalhadores podem ser *estragados*. É possível localizar em cada departamento as pessoas que *estragam os* bons trabalhadores: são as pessoas que não podem começar, mudar e parar coisas tais como comunicação ou máquinas e que, eles próprios, são os que estão mais em risco de pânico e confusão. Estas são as pessoas que preferem atirar soluções para o cesto dos papéis e ter problemas afixados no quadro de anúncios.

Que pode fazer uma pessoa se estava rodeada por pessoas que estavam confusas e incapazes de começar, mudar e parar as suas várias atividades? Poderia tornar-se ela própria tão capaz no seu próprio trabalho que seria um ótimo exemplo para os outros e um dado estável na confusão dessa área. Poderia mesmo fazer ainda mais do que isso. Poderia aprender a lidar com os homens, e compreendendo isso trazer ordem às mentes e atividades desses homens, de modo a impedir que as suas incapacidades o pudessem afetar. No entanto, para conseguir isto teria de saber bastante sobre Cientologia e os seus diversos princípios, o que está de algum modo fora do âmbito particular desta obra.

Para um trabalhador que espera fazer um bom trabalho, mantê-lo e ser promovido, quase basta que compreenda completamente o seu trabalho de modo que nenhuma parte dele o possa confundir e assim possa começar, mudar e parar qualquer coisa com que esteja ligado nesse trabalho e tolerar ser começado, mudado ou parado pelos seus superiores sem se sentir inseguro. Por outras palavras, o melhor que a pessoa possui é a melhor segurança de trabalho que o trabalhador pode ter, será a tranquilidade de espírito relacionada com o que está a executar. Uma tranquilidade de espírito provém da capacidade de começar, mudar e parar os objetos e atividades com os quais se está envolvido e ser capaz de ser começado, mudado e parado por outros, sem se ficar tão confuso como eles estão.

Assim, o segredo de fazer um bom trabalho é o próprio segredo do controle. Não só se continua a criar um trabalho, dia a dia, semana a semana, mês a mês, mas também se continua o emprego, permitindo-lhe progredir, e também se é capaz de parar ou terminar qualquer ciclo de trabalho deixando-o acabado.

Os trabalhadores são muito frequentemente vítimas dos patrões, subalternos ou cônjuges, que não são propriamente capazes de controlar nada e que contudo não são controlados e que de certa maneira estão obcecados com a ideia de controle. Um trabalhador que está desta maneira intimamente ligado a qualquer coisa que ele próprio não consegue controlar e que é incapaz de efetivamente controlar, executa o seu trabalho num estado de confusão que apenas o conduz a dificuldades e desagrado pelo próprio trabalho.

Pode ser dito que a única coisa má a respeito do trabalho é que está frequentemente associado a incapacidades para controlar. Quando estas aparecem então o trabalho parece fastidioso,

árduo e desinteressante e preferir-se-á fazer qualquer coisa, do que continuar esse trabalho. Há muitas soluções para isto. A primeira delas é recuperar o controle dos artigos ou funções com os quais se está mais intimamente ligado ao executar o seu trabalho.

Contudo, o próprio controle não é uma resposta completa para tudo, pois se o fosse seria capaz de controlar tudo, e não só no seu próprio trabalho, mas num escritório ou na Terra, antes de poder ser feliz. Ao estudarmos o controle descobrimos que os limites deste se estendem apenas através da presente esfera de ação. Quando um indivíduo tenta que o seu controle vá muito além do seu interesse ativo num emprego ou na vida, ele encontra dificuldade. Desta forma há um limite para a "área de controle" que, se violada, viola muitas coisas. É quase uma máxima que se um indivíduo procurar firmemente operar fora do seu próprio departamento, não cuidará bem dele. Na verdade, descobriu-se nas organizações de Cientologia que se uma pessoa estiver firmemente envolvida com coisas muito fora dos seus interesses, não está a proteger a sua verdadeira esfera de interesses. Assim, há obviamente um outro fator envolvido que não o controle. Este fator é a vontade para não controlar e é tão importante como o próprio controle.

5

A Vida como um Jogo

É bastante óbvio que se alguém controlasse tudo, não teria jogo. Não haveria fatores imprevistos, nenhuma surpresa na vida. Poder-se-ia dizer que isto seria um inferno de grandes proporções.

Se uma pessoa pudesse controlar tudo em absoluto, certamente poderia prever tudo em absoluto. Se pudesse prever o curso e a ação de cada movimento em toda a existência, é claro que não teria qualquer interesse nela.

Já vimos a necessidade de controlar os objetos com que trabalhamos diretamente, mas lembre-se que se alguém controla estes objetos imediatos, é necessário ter outros objetos ou ambientes que não são controlados em absoluto. Porque será isto? Porque a vida é um jogo.

A palavra "jogo" é utilizada aqui deliberadamente. Quando uma pessoa está embrenhada na luta, por vezes titânica, da vida, é provável que rejeite o facto de que existe alegria na vida. É provável que duvide que possa existir algo como divertimento. Na realidade, quando as pessoas entram nos 30 anos, começam a pensar no que aconteceu à sua infância quando realmente podiam ter prazer com as coisas.

Começa-se a querer saber se o prazer de viver é ele próprio uma espécie de armadilha e começa-se a acreditar que não é boa coisa interessar-se demasiadamente por novas pessoas e novas coisas, visto que isto só irá trazer mágoas. Há homens que decidiram que, devido ao facto de a perda trazer tanta dor, é melhor não adquirir nada. De acordo com estas pessoas, é bastante preferível viver uma vida de privação apenas média, do que viver uma vida de luxo considerável, já que, se perderem o que tinham, a dor seria muito menor.

A vida é no entanto um jogo. É muito fácil ver um jogo em termos de críquete ou futebol. Não é tão fácil ver a vida como um jogo quando se é forçado a erguer da cama antes do nascer do sol e chegar a casa apenas depois de ele se pôr, após um dia de árdua e ingrata labuta. Uma pessoa provavelmente iria perguntar-se se uma atividade assim era de todo um jogo. No entanto, através de diversas experiências que foram feitas em Cientologia, é óbvio que a vida, não importa qual o seu tom emocional ou falta deste, é essencialmente um jogo e que os elementos da vida são os elementos de jogos.

Qualquer trabalho é um jogo.

Um jogo consiste de liberdades, barreiras e propósitos. Há muitos fatores mais complicados envolvidos nos jogos, mas estes estão todos enumerados em Cientologia.

Em primeiro lugar entre estes está a necessidade de num jogo haver um adversário ou um

inimigo. Também é uma necessidade ter problemas. Uma outra necessidade é possuir individualidade suficiente para fazer frente à situação. Então, para se viver intensamente a vida, além de se ter "alguma coisa que fazer", tem que se ter um propósito mais elevado; e este propósito, para ser um propósito, tem de ter contra propósitos ou propósitos que os impedem de se realizar. Uma pessoa tem de ter individualidades que se oponham às suas atividades e ao seu próprio propósito, mas se não as tiver, decerto irá inventá-las.

Esta última parte é muito importante. Se uma pessoa tem falta de problemas, de adversários e contra propósitos opostos aos seus, *inventá-los-á*. Aqui temos essencialmente a totalidade da aberração. Mas, de uma forma mais íntima em relação aos nossos propósitos, temos as dificuldades que nascem do trabalho.

Se tivéssemos um encarregado que controlasse de forma competente tudo na sua área, e não fizesse mais nada, e se esse encarregado não fosse de todo mentalmente equilibrado em todos os aspetos (o que quer dizer, se ele fosse humano), descobriríamos esse encarregado a inventar personalidades para os trabalhadores, seus subordinados, razões pelas quais eles se lhe opunham, bem como verdadeiras oposições.

Vê-lo-íamos seleccionar um ou mais dos seus trabalhadores para serem punidos com, segundo o encarregado, uma razão muito boa, mas na realidade sem mais nenhuma razão além de o encarregado ter uma necessidade obsessiva de oponentes. Agora podem encontrar-se muitas classificações intrincadas para isto através da velha análise mental, mas nenhuma delas necessita de ser examinada. A verdade é que um homem tem que ter um jogo, e se não o tem, criá-lo-á. Se esse homem é aberrado e não muito competente, irá fazer um jogo extremamente aberrado.

Quando um executivo encontra tudo a correr bem demais ao seu redor, é bem capaz de provocar algum problema só para ter alguma coisa para fazer, a menos que esse executivo esteja realmente numa condição mental muito boa. Portanto, temos a gerência a fingir, muitas vezes sem qualquer fundamento, que o trabalhador está contra si. Da mesma forma vemos por vezes que o trabalhador afirma que a gerência, que na realidade é bastante competente, está contra o trabalhador. Aqui inventámos um jogo onde nenhum jogo pode realmente existir.

Quando os homens se tornam de visão muito curta, não conseguem na realidade olhar para além do seu meio ambiente. Existe em qualquer escritório, fábrica ou atividade, o jogo do próprio escritório, fábrica ou atividade, contra os seus competidores e contra o seu ambiente externo. Se esse escritório, fábrica ou atividade e todo o seu pessoal se comportam numa base completamente racional e eficiente, escolhem o mundo exterior e outros estabelecimentos rivais para o seu jogo. Se eles não estão numa condição normal e são incapazes de ver o verdadeiro jogo, vão criar um jogo que começará a ser jogado dentro do escritório e da fábrica.

Nos jogos há indivíduos e equipas. As equipas jogam contra equipas; os indivíduos contra indivíduos. Quando não se permite que um indivíduo tome completamente parte na equipa, ele é capaz de escolher outros membros da equipa como seus oponentes, pois, lembre-se, o homem *tem* que ter um jogo.

Destas complexidades vêm as várias complexidades do trabalho e os problemas de produção e comunicação.

Se toda a gente numa fábrica pudesse controlar a sua própria esfera de ação nessa fábrica e

se toda a gente na fábrica estivesse a desempenhar o seu próprio trabalho, não haveria na realidade qualquer falta de jogo, pois há outras fábricas, outras atividades no mundo exterior, e isto sempre fornece jogo suficiente para qualquer organização racional. Mas suponhamos que as pessoas numa organização não conseguem controlar a sua própria esfera de ação, nem as suas próprias atividades, e estão a tentar obsessivamente criar jogos aberrados à sua volta. Teríamos então uma condição na qual a fábrica, escritório ou o estabelecimento não conseguiriam combater efetivamente os seus meio ambientes e teriam uma fraca produção, senão a ruína.

Aberrado ou não aberrado, competente ou incompetente, lembre-se que a vida é um jogo e o lema de qualquer indivíduo ou equipa viva é: "*Tem* que haver um jogo". Se os indivíduos se encontram em boa forma física ou mental, jogarão de facto o jogo que seja evidente e esteja à vista. Se não se encontram em boa forma e se se encontram incapazes de controlar o seu próprio meio ambiente imediato, começarão a jogar com as suas ferramentas. Aqui o operador de máquinas descobrirá que a sua máquina de repente já não está capaz de produzir. Não iremos tão longe que digamos que ele quebrasse a máquina de modo a ter um jogo com ela, mas ele estará continuamente num suave estado de fúria contra a máquina. O contabilista, incapaz de controlar os seus instrumentos mais imediatos de trabalho, e não muito enquadrado dentro do seu estabelecimento, começará um jogo com os seus próprios números, e os saldos não baterão certos. A sua máquina de somar avariar-se-á, perder-se-ão os seus papéis e ocorrerão outras coisas mesmo debaixo do seu nariz que nunca deveriam acontecer. Mas se ele estivesse em boa forma e pudesse jogar o verdadeiro jogo de conservar as outras pessoas da fábrica na linha no tocante às suas contas e cifras, ele seria eficiente.

A eficiência pode ser definida como a capacidade de jogar o jogo que está à mão. A ineficiência pode ser definida como a incapacidade de jogar o jogo que está à mão, com uma necessidade de inventar jogos com coisas que, na realidade, ele deveria ser capaz de controlar com facilidade.

Isto parece quase que demasiado simples, mas infelizmente para os professores, que tentam complicar as coisas, é tão simples quanto isso. É claro que há numerosas formas de os homens se tornarem aberrados. Não é o assunto deste livro. O assunto deste livro é o trabalho.

Bem, compreendendo que a vida *tem* que ser um jogo, deve-se compreender que há um limite para a área que se deve controlar e manter ainda um interesse pela vida. O interesse é despertado principalmente pelo imprevisível. O controle é importante. O não-controle é, no mínimo, ainda mais importante. Para de facto manusear uma máquina na perfeição, deve-se estar disposto a controlá-la ou não controlá-la. Quando o próprio controle se torna obsessivo, começamos a encontrar nele coisas erradas. O indivíduo que tem de absolutamente controlar tudo perturba-nos a todos, e este indivíduo é a razão por que começamos a encontrar coisas erradas com o controle. Parece muito estranho dizer que o *não-controle* deve estar também sob controle, mas isto, na essência, é verdade. Um indivíduo deve estar *disposto* a deixar algumas partes do mundo sem controle. Se não o conseguir, cai rapidamente pela escala abaixo e chega a uma situação onde tenta obsessivamente controlar coisas que nunca seria capaz de controlar, e isto torna-o infeliz, começa a questionar a sua capacidade de controlar coisas que na realidade deveria ser capaz de controlar e assim perde finalmente a capacidade de controlar qualquer coisa. E isto é essencialmente o que em Cientologia chamamos a espiral descendente do controle.

Existem fatores mentais que não discutiremos aqui, que têm tendência para acumular as falhas em controlar até ao ponto em que se perde a confiança na própria capacidade de controlar.

A verdade é que um indivíduo deseja realmente manter uma parte da vida sem controle. Quando esta parte da vida o ferir suficientemente, então ele próprio resigna-se à necessidade de a controlar e então fica relativamente infeliz se nunca o conseguir fazer.

Um jogo consiste em liberdades, barreiras e propósitos. Consiste também em controle e não-controle.

Num jogo, um adversário *tem* que ser um fator não controlado. De outra forma saber-se-ia exatamente como o jogo se desenrolaria e como acabaria, e assim não seria jogo de forma alguma.

Quando uma equipa de futebol for completamente capaz de controlar a outra equipa, não temos jogo de futebol. Isto é um caso de não competição. Não haveria nem alegria nem desporto em se jogar esse futebol. Agora, se um jogador de futebol se tiver magoado seriamente ao jogar futebol, um novo fator desconhecido entra no jogo para *ele*. Esta lesão aloja-se no que chamamos *mente reativa*.

É uma mente que não é vista e que trabalha todo o tempo. Normalmente uma pessoa opera naquilo a que chamamos *mente analítica*, e acerca desta conhecemos tudo. Qualquer coisa de que nos tenhamos esquecido ou momentos de inconsciência e dor ficam cativos na mente reativa e têm então a capacidade de *reagir* de tal forma sobre o indivíduo que o obrigam a abster-se de fazer algo que alguma vez foi perigoso. Enquanto que este é um assunto muito técnico, é no entanto necessário compreender que o passado de uma pessoa tem tendência a acumular-se e fará dela uma vítima no futuro. Assim, no caso do jogador de futebol, enquanto ele joga, é capaz de ser *restimulado* ou de *reagir a partir* da anterior lesão recebida no futebol, e assim sente pouco do espírito de diversão enquanto joga futebol. Torna-se ansioso. Torna-se muito sombrio no que respeita ao futebol, e este estado é expresso por um esforço de controlar ativamente os jogadores da outra equipa de modo a que não o magoem de novo.

Numa corrida de motocicletas um famoso motociclista fica lesionado. Duas semanas mais tarde, numa outra corrida, vemos o mesmo motociclista desistir à quinta volta sem lesão ou incidente, mas simplesmente encostando às boxes. Ele faz isto imediatamente após uma motocicleta ter avançado, inclinando-se, para perto dele. Reconheceu logo que era incapaz de controlar aquela motocicleta. Sentiu-se então incapaz de controlar a sua própria motocicleta, e assim reconheceu uma coisa: tinha de sair daquela corrida. E justamente como este motociclista abandonou aquela corrida, também todos nós, numa ou noutra altura, abandonámos partes da vida.

Ora, até à altura em que teve o acidente, o motociclista estava perfeitamente disposto a não controlar qualquer outra motocicleta na pista exceto a dele. Não se importava com as outras motocicletas pois as mesmas não o tinham magoado e a corrida continuava a ser um jogo para ele. Contudo, durante o acidente, houve um momento em que ele pretendeu controlar uma outra motocicleta que não a sua, e outro corredor. Falhou nesse esforço. Assim, na sua *mente reativa* há um verdadeiro quadro de imagem mental da sua falha em controlar uma motocicleta. Desta forma, em futuras corridas ele será menos competente. Receia a sua própria máquina. Identifica a sua própria máquina com a máquina de outrem. Isto é uma falha em controle.

Agora, para se tornar de novo um bom motociclista este homem terá de recuperar a sua atitude de indiferença em relação ao controle das outras motocicletas e corredores na pista e reassumir a sua própria capacidade de controlar a sua própria máquina. Se for capaz de o fazer, tornar-se-á uma vez mais um intrépido, eficiente e vencedor motociclista, demonstrando grande

competência. Só um praticante de Cientologia poderá devolver-lhe a este estado, e um praticante de Cientologia seria capaz de fazer isto provavelmente em bem poucas horas. Isto, contudo, não é um manual sobre a forma de erradicar danos passados, mas uma explicação do porquê de os homens se tornarem incompetentes no uso dos seus instrumentos de trabalho mais diretos. Estes homens tentaram deixar sem controle todo o mundo à sua volta, até ao momento em que o mundo à sua volta os feriu. Então conceberam a ideia de que deviam controlar mais do que os seus próprios trabalhos. Falharam ao controlar mais do que os próprios trabalhos e convenceram-se imediatamente de que eram incapazes de controlar fosse o que fosse. Isto é muito diferente do que deixar as coisas sem controle. Tanto a capacidade de controlar coisas como a capacidade de deixar as coisas sem controle são necessárias para uma boa vida e para fazer um bom trabalho. Convencer-se de que não se consegue controlar nada é uma coisa completamente diferente.

Toda a sensação de autoconfiança e competência é na verdade uma consequência da capacidade que cada um tem de controlar ou de deixar sem controle as várias coisas e pessoas à sua volta. Quando se fica obcecado pela necessidade de controlar alguma coisa muito para além da sua esfera de controle, fica-se desenganado quanto à capacidade de controlar as coisas perto de si. Fica-se eventualmente num estado de espírito em que não se consegue de modo algum prestar qualquer atenção ao seu próprio trabalho, mas apenas avançar para o meio exterior e buscar, com ou sem eficácia, parar, começar ou modificar coisas que, na realidade, têm muito pouco a ver com o seu próprio trabalho. Temos aqui o agitador, o trabalhador ineficiente, o indivíduo que vai falhar. Vai falhar porque falhou em alguma altura do passado.

Isto não é tão desanimador como parece, pois é necessário um acidente físico e uma forte coação para que um indivíduo sinta que é incapaz de controlar as coisas. Não é o manejo rotineiro das máquinas que deteriora a capacidade de uma pessoa trabalhar e manejar a vida. Não é verdade que com a idade e o cansaço a capacidade de fazer as coisas se desgaste. É verdade que uma pessoa pode ferir-se em momentos curtos e repentinos, e após isso carregar consigo o seu ferimento para o seu trabalho futuro, e é este ferimento que o faz deteriorar-se. A erradicação do ferimento fá-lo regressar a uma capacidade de controlar o seu próprio ambiente.

Todo o tema do trabalho leva-nos então ao valor do não controle. Um operador de máquinas que está a fazer um bom trabalho deveria ser capaz de se descontraír com relação à sua máquina. Deveria poder deixá-la funcionar ou não funcionar, arrancar ou não, parar ou não. Se ele puder fazer estas coisas, com toda a confiança e um estado de espírito calmo, pode então manobrar aquela máquina e descobrirá que a máquina funcionará bem para ele.

Ora, digamos que a máquina o agrida, que nela magoa a sua mão, que algum outro trabalhador choca com ele na altura errada, que alguma ferramenta que lhe foi dada é defeituosa e se parte. Entra na situação alguma dor física verdadeira. Ele tende a afastar-se da máquina. Tende então a concentrar-se muito mais intensamente na máquina do que deveria. Já não está disposto a deixá-la por controlar. Quando está a trabalhar com aquela máquina ele *tem que controlá-la*. Assim, como introduziu a coação nesta situação e como já está ansioso acerca dela, é quase certo que a máquina o irá magoar de novo. Isto causa-lhe um segundo ferimento, e com este ferimento sente ainda uma necessidade mais forte de controlar a máquina. Veja que durante os momentos dos ferimentos a máquina estava fora de controle. Agora, embora o fora de controle seja uma condição de jogo, não é desejada ou bem recebida para este operador de máquinas em particular. É certo que ele irá eventualmente encarar esta máquina como um tipo de demónio. Poder-se-ia dizer que ele operará a máquina durante todo o dia, e à noite, enquanto dorme, também. Passará os seus fins-de-semana e os seus feriados ainda a operar aquela máquina. Eventualmente não será

capaz de suportar a visão daquela máquina e recuará perante a ideia de trabalhar com ela por mais um momento que seja.

Este quadro torna-se um pouco complicado pelo facto de que, não é sempre o ferimento que lhe infligiu a sua própria máquina o que o faz sentir-se ansioso perante a maquinaria. Um homem que teve um acidente de automóvel pode voltar a trabalhar com uma máquina com receio considerável pelas máquinas em geral. Começa a identificar a sua própria máquina com outras máquinas e todas as máquinas se transformam na mesma máquina, a máquina que o feriu.

Há outras condições que participam de partes mais leves do trabalho. No caso de um escriturário, pode dar-se o facto de ele adoecer por motivo diferente do seu trabalho e, no entanto, por ter pouco tempo de folga, ele é obrigado a trabalhar, doente ou não. Os instrumentos do seu próprio trabalho, os seus arquivos, as suas canetas ou livros ou mesmo a sala, acabam por identificar-se com a sua sensação de doença, e ele sente que estes também o agrediram. Portanto, torna-se obcecado em controlá-los e na realidade decai na sua capacidade de os controlar, tal como no caso do operador da máquina. Mesmo que estas ferramentas não o tenham magoado na realidade, ele associa-as com o sentir-se magoado. Por outras palavras, ele identifica a sua própria doença com o trabalho que está a fazer. Assim, mesmo um escriturário cujos instrumentos de trabalho não sejam particularmente perigosos pode ficar abalado por eles e pode, primeiro, exercer um enorme controle sobre eles numa base obsessiva, e por fim abandonar qualquer controle deles e sentir que prefere apanhar uma sova do que trabalhar um momento mais nesta esfera em particular.

Uma das maneiras de vencer tal condição é simplesmente tocar ou manusear os seus vários instrumentos de trabalho e o meio ambiente no qual trabalha. Se um homem andasse por todo o escritório no qual tem trabalhado durante anos e tocasse as paredes e peitoris das janelas, equipamento e mesas, secretárias e cadeiras, averiguando cuidadosamente a sensação de cada um destes, localizando-os em relação às paredes e outros objetos da sala, sentir-se-ia muito melhor em relação a toda a sala. Estaria, no fim de contas, a transportar-se no tempo, do momento em que se encontrava doente ou ferido para o tempo presente. A máxima aqui é que se tem que trabalhar no momento presente. Tem que se parar de trabalhar em antigos momentos de ferimento.

Se a familiaridade com os seus instrumentos, tocar os seus instrumentos de trabalho e descobrir exatamente onde estão e como são, são tão benéficos, então qual será o mecanismo por detrás disto? Deixaremos para mais à frente neste livro, alguns exercícios e processos, concebidos para reabilitar a capacidade de trabalhar, e vamos olhar por um momento este novo fator.

6

Afinidade, Realidade e Comunicação

Há três fatores em Cientologia que são da maior importância no manejo da vida. Estes três fatores respondem às perguntas: Como devo falar com as pessoas? Como posso vender coisas às pessoas? Como posso dar novas ideias às pessoas? Como posso descobrir em que é que as pessoas estão a pensar? Como posso manejar melhor o meu trabalho?

Em Cientologia, chamamos triângulo ARC a estes três fatores. Chama-se um triângulo porque tem três pontos que se relacionam. O primeiro destes pontos é a afinidade. O segundo destes pontos é a realidade. O terceiro destes pontos, e o mais importante, é a comunicação.

Estes três fatores estão relacionados. Por afinidade pretendemos dizer resposta emocional. Pretendemos dizer o sentimento de afeição ou a falta dela, de emoção ou má-emoção ligada à vida. Por realidade queremos dizer os objetos sólidos, as coisas reais da vida. Por comunicação queremos dizer um intercâmbio de ideias entre dois terminais. Sem afinidade não há realidade ou comunicação. Sem realidade não há afinidade ou comunicação. Sem comunicação não há afinidade nem realidade. Agora, estas são afirmações de alcance geral, mas são, não obstante, muito valiosas e verdadeiras.

Alguma vez tentou falar com um homem zangado? A comunicação de um homem zangado está num nível de má-emoção que afasta dele todos os terminais. Logo, o seu fator de comunicação é muito baixo, apesar de ser feito em voz muito alta. Ele está a tentar destruir algo ou algum outro terminal, logo a sua realidade é muito baixa. Muito possivelmente aquilo com que ele aparentemente está zangado, não é aquilo que o fez zangar-se. Um homem zangado não fala a verdade. Logo, poder-se-ia dizer que a sua realidade, mesmo no assunto que está a tentar exprimir, é baixa.

Tem que haver boa afinidade (ou afeição) entre duas pessoas antes que sejam muito reais uma para a outra (e realidade aqui tem que ser usada como um gradiente, com algumas coisas sendo mais reais que outras). Tem que haver boa afinidade entre duas pessoas antes que possam conversar entre si com alguma verdade ou confiança. Antes que duas pessoas possam ser reais uma para a outra, tem que haver alguma comunicação entre elas. Elas têm pelo menos que se ver, uma à outra, o que é, em si, uma forma de comunicação. Antes que duas pessoas possam sentir alguma afinidade uma pela outra, têm que ser reais, até um certo grau.

Estes três termos são interdependentes, um em relação ao outro, e quando um desce, os outros dois também descem. Quando um sobe, os outros dois também sobem. É apenas necessário melhorar um vértice deste valioso triângulo de Cientologia para melhorar os outros dois vértices. É apenas necessário melhorar dois vértices do triângulo para melhorar o terceiro.

Para lhe dar uma ideia de uma aplicação prática disto, há o caso de uma jovem rapariga que

tinha fugido de casa e cujos pais já não queriam falar com ela. A rapariga, funcionária num escritório, estava muito desanimada e a fazer um péssimo trabalho. O gerente do escritório tinha chamado a atenção de um Cientologista para ela, e este fez-lhe uma entrevista e descobriu que os pais dela estavam profundamente zangados e já não queriam, de modo nenhum, comunicar com ela. Eles tinham ficado tão transtornados com a recusa dela (na verdade a sua incapacidade) seguir carreira como pianista profissional, estudo esse que lhes tinha custado os olhos da cara, que tinham "lavado as suas mãos acerca dela", e o desagrado deles levou-a a fugir para um local distante. Desde aquela altura, não tinham comunicado com ela, mas tinham falado a respeito dela, em termos muito amargos, a pessoas que ela conhecia na vizinhança de casa.

Num estado de espírito destes, e visto que estava intimamente envolvida com os pais e desejava estar nos melhores termos possíveis com eles, ela não conseguia trabalhar. O seu fracasso em desempenhar o seu trabalho estava a obstruir as linhas de comunicação no próprio escritório. Por outras palavras, a sua afinidade estava muito baixa e a sua realidade acerca de coisas estava bastante baixa, pois poder-se-ia dizer que ela estava noutra lugar a maior parte do tempo, e assim as linhas de comunicação que passavam pelas suas mãos no escritório, eram igualmente baixas e obstruídas com êxito, altura em que este assunto se tornou de extremo interesse para o gerente do escritório. Ora, normalmente no mundo do trabalho diário, o gerente do escritório tê-la-ia demitido e encontrado outra rapariga. Mas naquela altura o mercado de trabalho era crítico, e o gerente do escritório sabia qual a atitude moderna a tomar. Mandou chamar um Cientologista.

O Cientologista, com bom conhecimento deste triângulo ARC, fez uma coisa muito comum para um Cientologista, e que, no tocante à rapariga funcionou como magia. Ele disse-lhe que ela tinha que escrever aos pais, independentemente de eles responderem ou não, e ela assim o fez. Naturalmente, não houve resposta. Porque não houve resposta da parte dos pais dela? Bem, a rapariga, tendo-lhes desobedecido e tendo deixado de estar debaixo do seu controle, aparentemente já não estava em contacto com eles. Estes pais não a consideravam real. Para eles ela não existia verdadeiramente. Eles tinham na verdade dito isto a si mesmos. Tinham de facto tentado apagá-la das suas vidas pois ela era uma grande decepção. Logo, não sentiam absolutamente nenhuma emoção em relação a ela, exceto talvez, uma espécie de apatia. Tinham sido incapazes de controlá-la, logo estavam em apatia em relação a ela, pois não tinham conseguido controlá-la. Nesta fase os pais estavam numa melancólica apatia em relação à rapariga e ela não lhes era de modo algum muito real. De facto, como a tinham feito iniciar uma carreira que ela não conseguiu completar, a rapariga não poderia ser muito real para eles em primeiro lugar, pois a carreira estava indubitavelmente para além da aptidão da rapariga. Então o Cientologista fê-la escrever uma carta. Esta carta era, como dizemos em Cientologia, completamente "boas estradas e bom tempo". A rapariga disse que estava a trabalhar nesta outra cidade, que o tempo estava bom, que estava a dar-se bem, que esperava que ambos estivessem bem e lhes enviava o seu amor. Na carta, ela teve o cuidado de não abordar nenhum dos problemas ou atividades diretamente por trás da sua saída de casa. O A da carta, a afinidade, era bastante alto; o C estava presente. O que o Cientologista estava a tentar fazer era estabelecer o R, realidade: a realidade da situação de a rapariga estar noutra cidade e a própria realidade da sua existência no mundo. Ele sabia que ela estava suficientemente envolvida com os pais, e que se eles não a considerassem real, ela não era real para ela própria. É claro que os pais não responderam a esta primeira carta, mas o Cientologista fez com que a rapariga escrevesse novamente.

Depois de quatro cartas, todas a dizer mais ou menos as mesmas coisas e a ignorar totalmente

a ideia de que não tinha havido resposta, houve uma carta repentina da mãe para a rapariga, carta essa em que estava zangada, não com a rapariga, mas com uma das suas antigas amigas de infância. A rapariga foi instruída pelo Cientologista para se manter na linha, e não lhe foi permitido que explodisse de raiva em resposta através da linha de comunicação, mas foi aliciada a escrever uma carta agradável e cheia de surpresa expressando a sua felicidade por ter tido notícias da mãe. Após isso seguiram-se duas cartas, uma do pai e uma da mãe, ambas com muita afeição e esperando que a rapariga estivesse a passar bem. É claro que a rapariga respondeu a ambas com muita alegria, mas teria sido completamente propiciativa se o Cientologista lhe tivesse permitido. Em vez disso, seguiu-se uma carta muito alegre para cada um deles, em resposta às quais duas outras cartas vieram, ambas a congratular a rapariga por ter encontrado um emprego e algo em que estivesse interessada em fazer na vida, com perguntas acerca de para onde deveriam ser enviadas as suas roupas, e uma pequena quantia em dinheiro para ajudá-la na cidade. Os pais já tinham começado a planear a nova carreira da rapariga que se alinhava exatamente com aquilo que ela gostaria de fazer, estenografia.

É claro que o Cientologista sabia exatamente o que iria acontecer. Sabia que a afinidade e realidade deles aumentariam, e a realidade, a afinidade e a comunicação da rapariga no escritório aumentariam mal esta situação fosse resolvida. Ele remediou com a comunicação, na qual a rapariga exprimiu afinidade, e isto, é claro, como sempre acontece, produziu reação. O trabalho da rapariga elevou-se a um nível normal, ela começou a progredir, e agora que a sua sensação de realidade estava suficientemente elevada, tornou-se verdadeiramente uma valiosa funcionária no escritório.

Provavelmente a razão pela qual o triângulo ARC esteve tanto tempo sem ser descoberto, foi o facto de uma pessoa em apatia subir através de vários tons. Estes tons são bastante uniformes; um segue-se ao próximo, e as pessoas sobem sempre através destes tons, um após outro. Estes são os tons de afinidade, e a Escala de Tom de Dianética e Cientologia é provavelmente a melhor forma possível de predizer o que vai acontecer em seguida ou o que uma pessoa realmente irá fazer.

A Escala de Tom começa bastante abaixo de apatia. Por outras palavras, uma pessoa não sente qualquer emoção acerca de assunto nenhum. Um exemplo disto foi a atitude americana relativa à bomba atómica; algo com que deveriam ter ficado muito preocupados, estava tão longe da sua capacidade de controlar e tão passível de terminar com a sua existência, que ficaram abaixo de apatia em relação a isso. Na verdade nem sequer sentiram que era um grande problema. Foi necessário trabalhar por algum tempo com os americanos que foram processados acerca deste assunto em particular, até começarem a sentir-se apáticos acerca da bomba atómica. Isto foi realmente um avanço sobre o sentimento de absolutamente nenhuma emoção acerca de um assunto que os deveria ter preocupado intimamente. Por outras palavras, em muitos assuntos e problemas, as pessoas estão verdadeiramente muito abaixo de apatia. É lá que a Escala de Tom começa, na mais inteira e completa nulidade, muito abaixo da própria morte. Subindo através de tons melhores, encontramos o nível da morte do corpo, a apatia, o pesar, o medo, a ira, o antagonismo, o aborrecimento, o entusiasmo e a serenidade, por esta ordem. Há muitas pequenas graduações entre estes tons, mas uma pessoa que conheça qualquer coisa acerca dos seres humanos, deve definitivamente conhecer estas emoções em particular. Uma pessoa que esteja em apatia, quando o seu tom melhora, sente pesar. Uma pessoa em pesar, quando o seu tom melhora, sente medo. Uma pessoa em medo, quando o seu tom melhora, sente ira. Uma pessoa em ira, quando o seu tom melhora, sente antagonismo. Uma pessoa em antagonismo, quando o seu tom melhora, sente aborrecimento. Quando uma pessoa em aborrecimento melhora o seu tom fica entusiasmada.

Quando uma pessoa entusiasmada melhora o seu tom, sente serenidade. Na verdade, o nível abaixo de apatia é tão baixo que constitui um estado de espírito de não-afinidade, não-emoção, nenhum-problema, nenhuma-consequência, acerca de coisas que na realidade são tremendamente importantes.

A área abaixo de apatia é uma área sem dor, sem interesse, sem beingness ou qualquer outra coisa que signifique algo para qualquer outra pessoa, mas é uma área de grave perigo pois a pessoa está abaixo do nível de ser capaz de responder a qualquer coisa, e pode, conseqüentemente, perder tudo sem que aparentemente se dê conta disso. Um trabalhador que esteja numa péssima condição e que seja de facto um risco para a organização, pode ser incapaz de sentir dor ou qualquer emoção em relação seja ao que for. Está abaixo de apatia. Temos visto trabalhadores ferirem a mão, acharem que não é nada e continuarem a trabalhar apesar de a mão estar bastante ferida. As pessoas que trabalham em enfermarias em áreas industriais, surpreendem-se, por vezes, ao descobrirem como alguns trabalhadores prestam tão pouca atenção aos seus próprios ferimentos. É um facto terrível que, essas pessoas que não ligam aos seus ferimentos e que nem sequer sentem dores causadas por eles, não são nem nunca serão eficientes, a menos que recebam a atenção de um Cientologista. É um risco tê-las por perto. Não reagem adequadamente. Se uma dessas pessoas estivesse a trabalhar com um guindaste e este subitamente ficasse fora de controle, e estivesse prestes a despejar a sua carga sobre um grupo de homens, aquele operador de guindaste, em sub-apatia, deixaria simplesmente que o guindaste largasse a sua carga. Por outras palavras, ele é um assassino em potencial. Não consegue parar coisa nenhuma, não consegue mudar nada e não consegue começar nada, e no entanto numa base de resposta automática, consegue manter um emprego por algum tempo, mas no instante em que uma verdadeira emergência se lhe depara, é pouco provável que responda apropriadamente e resultam os acidentes. Onde quer que ocorram acidentes numa indústria, eles provêm dessas pessoas que se encontram neste nível de tom de sub-apatia. Onde quer que sejam cometidos erros crassos em escritórios, que custam às empresas fortunas e tempo, e que causam outras dificuldades de pessoal, eles provêm, de uma forma um tanto ou quanto uniforme, dessas pessoas em sub-apatia. Portanto, não pense que qualquer destes estados de ser incapaz de sentir qualquer coisa, de estar entorpecido, de ser insensível à dor ou à alegria tenha alguma vantagem para alguém. Não tem. Uma pessoa que se encontra nesta condição não consegue controlar as coisas e na verdade não está ali o suficiente para ser controlada por qualquer outra pessoa, e faz coisas estranhas e imprevisíveis.

Assim como uma pessoa pode estar cronicamente em sub-apatia, também pode estar em apatia. Isto é bastante perigoso, mas pelo menos é expressado. Só quando subimos até à própria apatia, é que temos o triângulo ARC a começar a manifestar-se e a tornar-se visível. É de esperar comunicação da própria pessoa, não vindo de algum circuito ou padrão de treino. As pessoas podem estar cronicamente em pesar, cronicamente em medo, ou cronicamente em raiva, ou em antagonismo, ou em aborrecimento, ou podem realmente estar "presas em entusiasmo". Uma pessoa que é verdadeiramente capaz, é normalmente bastante serena quanto às coisas. Pode, no entanto, expressar outras emoções. É um erro supor que a serenidade total tenha algum valor real. Quando uma situação que exige lágrimas não pode ser chorada é porque esse alguém não está em serenidade como um estado emocional crónico. A serenidade pode muito facilmente ser confundida com a sub-apatia, mas obviamente apenas por um observador sem treino. Basta um olhar em direção às condições físicas da pessoa para distinguir. As pessoas que se encontram em sub-apatia são normalmente pessoas muito doentes.

Tal como temos uma perspectiva da Escala de Tom abrangendo assim o tema da afinidade, assim também temos uma para a comunicação. Ao nível de cada uma das emoções temos um

fator de comunicação. Um indivíduo que se encontre num estado de sub-apatia não comunica de modo nenhum. Alguma resposta social ou padrão de treino ou, como dizemos, "circuito" está a comunicar.

A própria pessoa não parece estar ali e na realidade não está a falar. Por conseguinte, as suas comunicações são, algumas vezes, no mínimo estranhas. Faz a coisa errada na altura errada. Diz a coisa errada na altura errada. Naturalmente que quando uma pessoa está presa em qualquer das bandas da Escala de Tom - sub-apatia, apatia, pesar, medo, ira, antagonismo, aborrecimento, entusiasmo ou serenidade - verbaliza as comunicações com esse tom emocional. Uma pessoa que está sempre zangada com alguma coisa, está presa em ira. Tal pessoa não está tão mal como uma que esteja em sub-apatia, mas a sua companhia ainda é bastante perigosa, pois ocasionará problemas, e uma pessoa que está zangada não tem um bom controle das coisas. As características de comunicação das pessoas nestes vários níveis da Escala de Tom são bastante fascinantes. Dizem coisas e manejam a comunicação de uma forma característica, distinta para cada nível da Escala de Tom.

Tal como afinidade e comunicação, há um nível de realidade para cada um dos níveis de afinidade. A realidade é um tema muitíssimo interessante, pois relaciona-se, no geral, com sólidos relativos. Por outras palavras, a solidez das coisas e o tom emocional das pessoas têm uma ligação definitiva. As pessoas nos escalões inferiores da Escala de Tom não conseguem tolerar sólidos. Não conseguem tolerar um objeto sólido. A coisa não é real para elas; é delgada ou tem falta de peso. À medida que as pessoas sobem na escala, o mesmo objeto torna-se cada vez mais sólido e podem finalmente vê-lo no seu verdadeiro nível de solidez. Por outras palavras, estas pessoas têm uma reação definida à massa em diversos pontos da escala. Para elas, as coisas são claras ou muito, muito pouco nítidas. Se pudesse olhar através dos olhos de alguém em sub-apatia, observaria, sem dúvida, um mundo verdadeiramente húmido, diluído, sonhador, nebuloso, irreal. Se olhasse através dos olhos de um indivíduo zangado, veria um mundo ameaçadoramente sólido, onde todos os sólidos se apresentariam como uma brutalidade dirigida a ele, mas ainda não seriam suficientemente sólidos ou suficientemente reais ou visíveis para alguém em boas condições. Uma pessoa em serenidade pode ver os sólidos tal como são, tão claros como são, e pode tolerar um enorme peso ou solidez sem reagir a isso. Por outras palavras, à medida que se sobe na Escala de Tom, partindo do ponto mais baixo até ao mais elevado, as coisas podem tornar-se cada vez mais sólidas, cada vez mais reais.

A afinidade está intimamente relacionada com o espaço. De facto, a afinidade poderia ser definida como a "consideração da distância", pois terminais que estão muito afastados ou muito próximos têm diferentes reações de afinidade uns para com os outros. A realidade, tal como vimos, está mais intimamente ligada com sólidos. A comunicação consiste no fluxo de ideias ou partículas entre os sólidos através do espaço.

Embora estas definições possam parecer muito elementares e não satisfaçam de modo nenhum um professor do M.I.T., na verdade, ultrapassam e abrangem todo o campo de atividade do professor do M.I.T. As verdades não têm de ser complicadas.

Há, como tem sido amplamente descrito e estudado em Cientologia, com considerável profundidade, muitas inter-relações de espaços e sólidos, e ideias ou partículas, pois estas são as coisas mais íntimas para a vivência em si, e incluem o universo que nos rodeia. Mas a coisa mais básica que devíamos conhecer a respeito do ARC é simplesmente o tom emocional, que é a afinidade, a veracidade das coisas que é a realidade, e a capacidade relativa de comunicação

relativas a ela.

Os homens que conseguem fazer coisas estão num ponto muito elevado no que respeita à afinidade, estão muito elevados em termos de realidade e são muito capazes em termos de comunicação. Se desejar medir as diversas capacidades deles, deve estudar o assunto muito mais profundamente. Foi escrito um livro inteiro acerca deste triângulo, cujo título é Ciência de Sobrevivência. (ver Bibliografia).

Então como se deveria falar com um homem? Você não conseguiria falar adequadamente a um homem se estivesse num estado de sub-apatia. De facto não falaria com ele de maneira nenhuma. Teria de ter um pouco mais de afinidade do que isso, para discutir alguma coisa com alguém. A sua capacidade de falar com um determinado homem tem algo a ver com a sua resposta emocional em relação ao mesmo. Qualquer pessoa tem respostas emocionais diferentes para as diferentes pessoas que a rodeiam. Dado que dois terminais, ou seja, duas pessoas estão sempre envolvidas em comunicação, pode-se verificar que a outra pessoa teria de ser até um certo ponto real. Se uma pessoa não se importa de modo nenhum com os outros, terá de certeza uma grande dificuldade em lhes falar. A maneira de falar com um homem seria, então, descobrir nele algo que apreciemos e discutir com ele um assunto com o qual ele possa concordar. Esta é a ruína da maioria das ideias novas: não se discutem assuntos com os quais a outra pessoa tenha qualquer ponto de acordo em absoluto. E chegamos a um fator decisivo em relação à realidade.

Aquilo com que concordamos tende a ser mais real do que aquilo com que não concordamos. Há uma coordenação definida entre acordo e realidade. São reais as coisas que concordamos que são reais. Não são reais as coisas que concordamos não o serem. Temos muito pouca realidade acerca das coisas com as quais não concordamos. Uma experiência baseada nisto seria mesmo uma discussão jocosa entre dois homens, sobre um terceiro e na presença deste. Os dois concordam acerca de algo com que o terceiro não pudesse concordar. O terceiro homem baixará de tom emocional e tornar-se-á verdadeiramente menos real que as duas pessoas que estão a discutir sobre ele.

Como se fala então com um homem? Você estabelece realidade descobrindo alguma coisa com a qual ambos concordem. Depois tente manter o nível de afinidade tão elevado quanto possível, sabendo que há algo nele de que pode gostar. É então capaz de conversar com ele. Se não tiver as duas primeiras condições é quase certo que a terceira não surgirá, o que quer dizer que não será capaz de lhe falar com facilidade.

Deve compreender mais uma vez, ao utilizar o triângulo ARC, que se passa pelos tons emocionais à medida que se começa a desenvolver a comunicação. Por outras palavras, nalguma altura no futuro, alguém que tem estado completamente apático em relação a nós, está sujeito a zangar-se connosco. Se conseguir simplesmente persistir através da sua fúria, ele simplesmente alcança o antagonismo, a seguir o aborrecimento e finalmente o entusiasmo e um perfeito nível de comunicação e de compreensão. Os casamentos desfazem-se simplesmente devido a uma falha de comunicação, por causa de uma falha de realidade e afinidade. Quando a comunicação começa a falhar, a afinidade começa a baixar. As pessoas têm segredos uma para a outra e a afinidade começa a cair para o fundo.

De forma semelhante, num escritório ou numa empresa, é perfeitamente fácil determinar quais as pessoas que não procedem no melhor interesse da firma, dado que tais pessoas ficam

gradualmente, e algumas vezes não tão gradualmente, fora de comunicação com a empresa. O seu estado emocional para com os seus superiores e os que o rodeiam começa a baixar e finalmente desaparece.

Como se pode ver, o triângulo ARC está intimamente ligado com a capacidade de controlar e a capacidade para deixar fora de controle. Quando alguém tenta controlar alguma coisa e falha, experimenta então uma antipatia em relação a essa coisa. Por outras palavras, ele não tem estado correto, tem estado errado. A sua intenção falhou. A sua intenção, pode-se dizer, voltou-se contra ele. Assim, se alguém tenta controlar coisas e falha nisso, é possível que desça pela Escala de Tom em relação a essas coisas. Desta forma, um indivíduo que foi atraído pelos seus próprios instrumentos de trabalho é capaz de começar a tratá-los com um grau de afinidade mais baixo. Fica aborrecido com eles, torna-se antagónico em relação a eles, zanga-se com eles - e nesta fase, a maquinaria começa a quebrar - e finalmente recebe-os, torna-se triste acerca deles, torna-se apático em relação a eles e já não se importa com eles, e nesta fase certamente não os pode utilizar. Na verdade, do nível de aborrecimento para baixo, a capacidade de uma pessoa utilizar os instrumentos de trabalho diminui consistentemente.

Assim, como poderia alguém com conhecimento disto, aumentar a sua capacidade de controlar os seus instrumentos de trabalho, sem sequer recorrer a um Cientologista? Naturalmente, se um Cientologista tomasse conta desta situação, poderia ser recuperado o total controle dos instrumentos, da área, ou da vida, mas, na sua falta, como pode alguém simplesmente manejar os artigos exatos com os quais está agora direta e imediatamente associado?

Utilizando o ARC, pode-se recuperar, até certo ponto, tanto o seu controle dos instrumentos como o seu entusiasmo pelo trabalho. Faria isto com comunicação e descobrindo o quanto está disposto a que estas coisas e as pessoas que o cercam sejam reais ou sólidas. Um indivíduo pode recuperar a sua capacidade sobre os seus instrumentos imediatos simplesmente tocando-os e largando-os. Isto pode parecer não ter um significado especial e nessa altura é capaz de alcançar o nível de aborrecimento e aborrecer-se com o processo. Logo acima deste nível está a recompensa de ficar entusiasmado. Parece muito estranho que se uma pessoa simplesmente tocasse no seu automóvel e o largasse e o tocasse e o largasse e o tocasse e o largasse e o tocasse e o largasse, possivelmente por algumas horas, recuperaria não só o seu entusiasmo pelo automóvel mas uma tremenda capacidade de controlar o carro que nunca suspeitara possuir. Da mesma forma, com as pessoas, visto que frequentemente se recusam que se lhes toque, pode-se comunicar. Se uma pessoa realmente comunica e comunica bem com essas pessoas, escuta o que elas têm para lhe dizer e acusa--lhes a receção àquilo que estão a dizer, e diz-lhes o que tem a dizer, de maneira suficientemente gentil e frequente de forma que realmente seja recebido por elas, essa pessoa vai recuperar, num grau muito elevado, a sua capacidade de associar e coordenar as atividades dessas pessoas pela quais está diretamente rodeado. Aqui temos o ARC adaptado diretamente ao trabalho. Parece estranho que se fizéssemos um contabilista levantar e pousar o seu lápis ou caneta por algumas horas, ele recuperaria a sua capacidade de manejá-lo e melhoraria a sua capacidade de fazer contas; e que, se fizéssemos que ele toque e largue o seu livro de contabilidade por um período considerável de tempo, ele tornar-se-ia mais capaz de manejar esse livro, e cometeria, de longe, muito menos erros nele. Isto parece magia. Isto é magia. É Cientologia.

7

Exaustão

Trabalhar ou não trabalhar, eis a questão. Na mente da maioria das pessoas a resposta a essa pergunta é a exaustão.

Uma pessoa começa a sentir, após estar num emprego por um bom tempo e terem abusado consideravelmente dela, que trabalhar mais estaria muito para além daquilo que poderia aguentar. Ela está cansada. Pensar em fazer certas coisas torna-a cansada. Pensa em aumentar a sua energia ou ser capaz de se forçar um pouco mais, e se assim fizer, está a pensar de forma errada, já que a resposta para a exaustão pouco ou nada tem que ver com a energia.

A exaustão é um assunto muito importante, não apenas para um indivíduo envolvido em ganhar o seu próprio sustento, mas também para o Estado.

Cientologia estabeleceu, de forma bastante completa, que a ruína do indivíduo começa quando já não é capaz de trabalhar. A única coisa que se tem que fazer para degradar ou tornar um indivíduo é impedi-lo de trabalhar. Até a polícia agora já reconhece o princípio básico em Cientologia de que a principal coisa errada com o criminoso é que ele não consegue trabalhar, e a polícia começou a procurar este fator num indivíduo para determinar a sua criminalidade.

A dificuldade básica em relação a toda a delinquência juvenil é o programa, aparentemente humano no passado, de proibir qualquer forma de trabalho às crianças. Sem dúvida, já foi um facto, que se abusava do trabalho infantil, que se fazia com que as crianças trabalhassem em excesso, que o seu crescimento foi retardado e que foram, de um modo geral, usadas.

É altamente duvidoso que o infame Sr. Marx tenha alguma vez visto na América rapazinhos serem retirados das máquinas, mortos de trabalho, e atirados para cima de pilhas de lixo. Onde quer que tenha havido um abuso deste assunto, houve uma revolta pública contra tal, e foi aprovada legislação para impedir que as crianças trabalhassem. Esta Legislação, com todas as boas intenções deste mundo, é no entanto, diretamente responsável pela delinquência juvenil. Proibir que as crianças trabalhassem, e particularmente proibir que a juventude abra o seu caminho no mundo e ganhe o seu próprio dinheiro, cria uma dificuldade familiar, de tal modo que se torna quase impossível constituir família, e cria também, e particularmente, no jovem, um estado de espírito de que o mundo não o quer, e que já perdeu o jogo antes de este ter começado. Então com algo como o treino do serviço militar pela frente, de modo a não se atrever a iniciar uma carreira, ele é impelido para uma profunda sub-apatia em relação ao trabalho, e quando por fim enfrenta a necessidade de abrir caminho na vida, entra numa apatia e nada consegue fazer. Esta afirmação apoia-se no facto de que os nossos maiores cidadãos trabalharam de uma maneira geral desde bastante novos. Na civilização anglo-americana o nível mais elevado, em termos de esforço, foi atingido por rapazes que tinham desde os 12 anos de idade as suas tarefas nos campos e um lugar definido no mundo.

As crianças, na generalidade, têm grande vontade de trabalhar. Uma criança de dois, três,

quatro anos de idade anda normalmente à volta do pai ou da mãe tentando ajudar, ou com utensílios ou panos do pó, e o pai ou mãe, carinhoso, que realmente gosta muito de crianças, reage, à boa e razoável maneira antiga, com bastante paciência, deixando a criança ajudar de facto. Uma criança a quem isto é permitido, cria a ideia de que a sua presença e o seu trabalho é desejado e então começa, bastante calmamente, a realizar uma carreira. A criança que é mal orientada ou pressionada a seguir uma determinada carreira, mas que não foi autorizada a ajudar na sua infância, está convencida de que não é desejada, que o mundo não faz parte dela. E mais tarde enfrentará muitas dificuldades relacionadas com o trabalho. Contudo, a criança que aos 3, 4 anos quer trabalhar nesta sociedade moderna, é desencorajada e é realmente impedida de trabalhar, e depois de a terem deixado inativa até aos 7, 8 ou 9 anos, é de repente encarregue de certas tarefas. Agora esta criança, está já educada dentro do espírito de que não deve trabalhar, e assim a ideia do trabalho é uma esfera onde ela "sabe que não pertence", pelo que se sente sempre desconfortável ao executar diversas atividades. Mais tarde, na sua adolescência, ela é ativamente impedida de arranjar o tipo de trabalho que lhe permitiria comprar as suas roupas e presentes para os amigos, que sente que lhe são exigidos, e assim começa a sentir que não faz parte da sociedade. Não sendo parte da sociedade, volta-se então contra esta e não deseja nada a não ser atividades destrutivas.

O tema da exaustão também é o tema de impedir que se trabalhe. No caso dos soldados e marinheiros hospitalizados durante qualquer das recentes guerras, descobriu-se que a permanência de alguns meses no hospital tende a quebrar o moral do soldado ou marinheiro, a um ponto tal, que pode tornar-se de valor duvidoso uma vez de volta ao serviço. Isto não é necessariamente o resultado do decréscimo das suas capacidades. É o resultado do ferimento agravado pela inatividade. Ver-se-á que um soldado que é ferido e tratado num hospital de campanha próximo da frente de combate, que regressa ao serviço no momento em que pode suportar tal exigência, mantém, em larga escala, o seu moral. É claro que o ferimento recebido tem tendência para o afastar do nível de ação que outrora achara ser o melhor, mas, ainda assim, encontra-se em melhor forma do que um soldado que tenha sido enviado para um hospital na retaguarda. Enviar um soldado para um hospital na retaguarda, é dizer-lhe, de acordo com o ponto de vista dele, que não é particularmente necessário na guerra. Sem na verdade nada acrescentar a estes princípios, a palavra "exaustão" começa a ter um significado associado à neurose. Isto baseou-se no facto de as pessoas que sofrem de neurose simplesmente parecerem exaustas. Não há nenhuma outra ligação a não ser esta. Na realidade, uma pessoa a quem tenha sido negado o direito ao trabalho, particularmente se sofreu alguma lesão e a partir daí foi impedida de trabalhar, cairá eventualmente na exaustão.

Descobriu-se tecnicamente em Cientologia que não existe coisa como a diminuição gradual da energia do indivíduo devido ao contacto contínuo. Uma pessoa não se sente exausta simplesmente porque trabalhou demais ou por demasiado tempo. Uma pessoa sente-se exausta quando trabalhou o tempo suficiente para restimular algum antigo ferimento. Uma das características deste ferimento será a exaustão. A exaustão crónica, assim, não é o produto de longas horas e esforço árduo. É o produto da acumulação de choques e ferimentos acidentais da vida, qualquer deles talvez com apenas alguns segundos ou algumas horas de duração, e que adicionadas talvez totalizem cinquenta ou setenta e cinco horas. Mas, esta acumulação (a acumulação do ferimento, repulsa e choques) atinge eventualmente uma completa incapacidade de fazer seja o quer for.

A exaustão pode então ser ensaiada numa pessoa, recusando permitir-lhe, em criança, que tome parte na sociedade, ou pode ser inculcada numa pessoa pelos vários ferimentos ou choques que pode receber, acidentalmente, com as suas próprias atividades. Resolva qualquer destes dois

pontos e resolve a exaustão. Assim, a exaustão é na verdade assunto para um praticante de Cien-tologia, visto que só um Cientologista pode resolvê-la adequadamente.

Há no entanto um ponto que está abaixo da exaustão. Este é o ponto de não se saber quando se está cansado. Um indivíduo pode tornar-se uma espécie de marionete agitada que trabalha, trabalha, sem sequer se aperceber de que só trabalha, e de repente desfalece de um cansaço que nem sequer estava a sentir. Isto é novamente a nossa zona abaixo de zero, ou abaixo de apatia na Escala de Tom.

E temos outra vez o tema do controle. Aqui o indivíduo não conseguiu controlar as coisas, tentou e depois desceu, em relação a elas, pela Escala de Tom, para a faixa abaixo de zero. Ele é eventualmente incapaz de manusear qualquer coisa que se assemelhe às ferramentas de trabalho ou mesmo ao seu meio de trabalho, e assim é incapaz de fazer parte desse ambiente ou de manu-sear tais ferramentas. Então o indivíduo pode ser alvo de muitas palavras desagradáveis. Podem-lhe chamar vadio, ordinário, ou até podem chamar-lhe criminoso. Mas a verdade é que será tão capaz de corrigir a sua própria condição sem uma ajuda especializada como seria capaz de mer-gulhar para o centro da Terra.

Há alguns meios de recuperar o vigor e o entusiasmo de um indivíduo pelo trabalho, na falta do cuidadoso trabalho de ajuda de um praticante de Cien-tologia. Estes meios são relativa-mente simples e muito fáceis de compreender.

Temos em Cien-tologia o que se chama introversão e ainda aquilo a que chamamos extro-versão.

Introversão é uma coisa simples. Significa olhar demasiadamente para dentro. E extroversão é também simples. Quer dizer nada mais nada menos que ser capaz de olhar para fora.

Poderia dizer-se que há personalidades introvertidas e personalidades extrovertidas. Uma personalidade extrovertida é aquela que é capaz de ver o ambiente que a rodeia. Uma personali-dade introvertida é apenas capaz de olhar para dentro de si própria.

Quando observamos a Escala de Tom de ARC vemos imediatamente que uma personalidade introvertida se esquiva dos sólidos. Por outras palavras, não está a confrontar a realidade. A rea-lidade é acordo no plano mental e sólidos no plano físico.

Uma pessoa que é capaz de ver o mundo à sua volta, e vê-lo bastante real e brilhante, en-contra-se certamente num estado de extroversão. Por outras palavras, consegue olhar para fora de si. Também consegue trabalhar. Consegue também ver situações e manobrar e controlar as coisas que tem de manobrar e controlar, e consegue pôr-se de lado e contemplar as coisas que não tem de controlar, e, portanto, estar interessado nelas.

A pessoa que é introvertida é aquela que provavelmente passou por exaustão algum tempo antes. Tinha a sua atenção a incidir cada vez mais em si mesma (basicamente devido a antigos ferimentos que ainda conseguem exercer influência sobre ela), até que na verdade, está a olhar para dentro de si e não para fora. Afasta-se das realidades. Não vê uma realidade noutras pessoas nem nas coisas que a rodeiam.

Agora tomemos o verdadeiro tema do trabalho. O trabalho é a aplicação de atenção e ação a

pessoas ou objetos colocados no espaço.

Quando já não se é capaz de enfrentar as pessoas, objetos ou o espaço no qual se situam, começa-se a ter um sentimento de perda. A pessoa começa a mover-se como que numa bruma. As coisas não são reais para ela e ela é até certo ponto incapaz de controlar as coisas que a rodeiam. Têm-se acidentes. Tem-se azar. As coisas simplesmente viram-se contra uma pessoa porque ela não as está a manejar, nem a controlar, nem sequer a observá-las corretamente. O futuro parece-lhe mau, algumas vezes tão mau que não o consegue encarar. Pode dizer-se que uma pessoa assim é muito introvertida.

No trabalho a sua atenção está concentrada nos objetos que normalmente estão apenas a pouca distância dela. Presta mais atenção a artigos que estão ao alcance das suas mãos. Isto afasta a sua atenção da extroversão, pelo menos para algum ponto à frente do seu rosto. A sua atenção fixa-se ali. Se isto coincide com algum antigo ferimento ou operação, é provável que fixe igualmente a sua atenção nalguns pontos ocorridos em tempos anteriores e fique restimulada, e assim ainda sentirá as dores, doenças e sensação de cansaço ou apatia, ou sub-apatia, que sentiu durante o momento do ferimento. Como a sua atenção está continuamente concentrada naquele ponto, tem tendência a olhar só para isso, mesmo quando não está a trabalhar.

Tomemos um contabilista. Os olhos de um contabilista fixam-se nos livros, a distâncias fixas da vista. Acaba por ficar "miope". Na realidade não se torna miope, torna-se *livro-miope*. Os seus olhos fixam-se facilmente num certo ponto à distância. Agora à medida que ele fixa ali a sua atenção, tem tendência a retirar-se até desse ponto, até por fim quase não ser capaz de alcançar os seus próprios livros. Então põe os óculos de modo a poder ver os livros mais nitidamente. A visão e a atenção dele são a mesmíssima coisa.

Uma pessoa que tem uma máquina, livros ou objetos continuamente a uma distância fixa dela, sai do trabalho e tem tendência a manter a sua atenção exatamente onde o seu trabalho estava. Por outras palavras, a sua atenção acaba por nunca deixar o seu trabalho. Embora vá para casa, na realidade continua sentado no escritório. A sua atenção está concentrada no seu ambiente de trabalho. Se este ambiente é coincidente com algum ferimento ou acidente (e quem não teve um deles pelo menos?), começa a sentir fadiga ou cansaço.

Haverá cura para isto?

Claro que só um praticante de Cientologia podia remover completamente esta dificuldade. Mas há algo que o trabalhador pode fazer.

Eis agora o que não se deve fazer, independentemente de uma pessoa ser um guarda-livros, um contabilista, um escriturário, um executivo ou um operador de máquinas. O erro é sair do trabalho, ir para casa, sentar-se e fixar a atenção num objeto mais ou menos à mesma distância daqueles que confronta continuamente no trabalho. No caso de um encarregado, por exemplo, que está continuamente a falar aos seus homens a uma certa distância, a coisa errada a fazer é ir para casa e falar com a mulher à mesma distância. De repente ela só sabe que está a receber ordens, tal como se fosse um membro da oficina. Decididamente, o que não se deve fazer é ir para casa e sentar-se a ler o jornal, comer o jantar e ir para a cama. Se um homem durante todo o dia fizer o trabalho rotineiro e à noite se sentar "para descansar" com um livro ou um jornal, é certo que mais tarde ou mais cedo começa a sentir-se exausto e depois, passado algum tempo, cairá ainda mais abaixo sem sequer se interrogar sobre a sua falta de vontade de executar tarefas

que já considerou muito fáceis.

Existe alguma coisa correta a fazer? Existe, sim. Um indivíduo que esteja continuamente concentrado num objeto de trabalho, deve fixar a sua atenção noutra coisa fora das horas de trabalho.

Aqui está um *processo* conhecido por "Dar um passeio". Este processo é muito fácil de executar. Quando alguém se sente cansado ao acabar o seu trabalho, devia sair e andar à volta do quarteirão até se sentir repousado, não importa se a ideia de o fazer for quase tudo o que consegue tolerar sem cair para o lado. Em resumo, deve andar à volta do quarteirão e olhar para as coisas até que veja as coisas perto das quais está a andar. Não interessa quantas vezes dê a volta ao quarteirão, deve dar tantas quantas as necessárias até se sentir melhor.

Ao fazê-lo descobrirá que se fica mais animado ao princípio e que depois se fica muito mais cansado. Fica-se tão cansado que apenas se sabe que se deve ir para a cama e ter uma boa noite de sono. Não é a altura de parar de andar visto que está a caminhar através da exaustão. Ele não está a manejar a exaustão por meio de exercício físico. O exercício físico sempre pareceu ser o fator mais importante para as pessoas, mas o exercício é relativamente pouco importante. O fator que se considera importante é desviar a atenção dele, do trabalho para o mundo material em que vive.

As massas são realidade. Para aumentar a afinidade e a comunicação de uma pessoa é na realidade necessário ser capaz de confrontar e tolerar as massas. Assim, descobrir-se-á que caminhar à volta do quarteirão e observar os edifícios faz a pessoa subir na Escala de Tom. Quando uma pessoa está tão cansada que mal pode arrastar-se, ou então tão cansada que se sente febrilmente incapaz de descansar, torna-se realmente necessário confrontar massas. A pessoa está simplesmente em baixo na Escala de Tom. Até é duvidoso que exista algo como "queda de energia física". Há naturalmente um limite para este processo. Não se pode trabalhar o dia inteiro e andar à volta do quarteirão a noite toda, ir trabalhar novamente no dia seguinte e pensar que se vai sentir alívio. Mas uma pessoa deveria certamente despende algum tempo a extroverter-se depois de se ter introvertido durante todo o dia.

"Dar um passeio" é, dentro do bom-senso, quase uma cura-para-tudo. Se um indivíduo se sente antagonista em relação à mulher, bater-lhe é o procedimento mais errado que pode ter. A coisa mais certa a fazer é ir dar um passeio à volta do quarteirão até se sentir melhor, e fazê-la andar à volta do quarteirão na direção oposta até que se atinja a extroversão da situação. Descobrir-se-á que todas as disputas domésticas, especialmente entre pessoas que trabalham, nascem do facto de, tendo estado demasiado concentrada (mais do que demasiado tensa) no seu trabalho e nas situações relacionadas com ele, uma pessoa não conseguiu controlar certas coisas no seu ambiente de trabalho. Regressa então a casa e procura algo que *consiga* controlar. É normalmente o cônjuge ou os filhos, e quando nem sequer aí o consegue fazer, tem tendência a descer a pique na Escala de Tom.

A extroversão da atenção é tão necessária como o próprio trabalho. Não há nada realmente errado na atenção introvertida ou no trabalho. Se uma pessoa não tivesse nada em que se interessar, ficaria simplesmente desfeita. Mas se a pessoa trabalha, verifica-se que um cansaço fora do normal está pronto a instalar-se. Quando se verifica ser este o caso, então a resposta não é cair na inconsciência, durante umas poucas horas, como durante o sono, mas uma extroversão da atenção, procurando depois um sono realmente repousante.

Estes princípios de extroversão e introversão têm muitas ramificações, e embora "dar um passeio" seja quase para rir pela sua simplicidade, existem processos muito mais complicados no caso de uma pessoa os desejar. Contudo, na generalidade, "dar um passeio" relaciona-se com um grande número de dificuldades resultantes do trabalho. Lembre-se que quando o fizer ficará mais cansado a princípio e que se sentirá mais revigorado depois. Este fenómeno tem sido observado por atletas. Chama-se o segundo fôlego. O segundo fôlego exige realmente ambiente e massa suficientes para acabar com a exaustão da última corrida. Não há nenhum segundo fôlego. Há sim um regresso à extroversão no mundo físico em que vivemos.

Há um outro processo semelhante a "Dar um passeio" conhecido por "Olhar para eles". Se falou todo o dia com pessoas, se durante todo o dia esteve a vender coisas a pessoas, se esteve a manejar pessoas difíceis de manejar, o que não se deve fazer é fugir de todas as pessoas do mundo. Repare que o indivíduo que fica demasiado tenso quando maneja pessoas é porque tem tido dificuldades no relacionamento com elas. Talvez tenha sido operado por médicos, e a semi-visão destes em torno da mesa de operações o faça identificar todas as pessoas com os médicos, isto é, todas as pessoas que estão de pé e imóveis. A propósito, esta é uma das razões pelas quais os médicos se tornam tão odiados numa sociedade, dado que eles insistem em práticas conhecidas, como cirurgia, anestesia, ficando tais incidentes interligados com os incidentes do dia-a-dia.

A exaustão, devido ao contacto com pessoas, torna realmente necessário que a "*havingness*" (outro termo de Cientologia para realidade) das pessoas tenha sido reduzida. A atenção do indivíduo fixou-se em certas pessoas quando devia estar, assim o pensa, fixa noutras, e este esforço de atenção na verdade diminuiu o número de pessoas que ele esteve a observar. Assim, a atenção fixa em poucas pessoas, pode na verdade limitar o número de pessoas que o indivíduo pode "ter", o que quer dizer, limita no indivíduo a realidade das pessoas em geral.

A cura para isto é muito simples. Uma pessoa deveria ir para um sítio com muita gente, como uma estação de caminhos-de-ferro ou uma rua principal, e simplesmente passear pela rua principal, observando as pessoas. Olhar simplesmente para as pessoas, é tudo. Verificará, passado algum tempo, que as pessoas não são assim tão más e terá uma atitude muito mais simpática em relação a elas e, mais importante ainda, a condição de trabalho de ficar saturado de pessoas tende a desaparecer se praticar isto todas as tardes durante umas semanas.

Esta é uma das coisas mais inteligentes que um vendedor pode fazer, já que, acima de, e para além dos outros, tem um interesse orientado para conseguir controlar as pessoas de modo a fazê-las executar o que ele desejar, isto é, comprarem o que ele tem para vender. Ao fixar a atenção em apenas um dos seus muitos clientes, cansa-se da ideia de falar às pessoas e de vender, e desce pela Escala de Tom em todas as suas atividades e operações, e começa a identificar-se com as diversas formas de um trapaceiro, e por fim já só considera que não é absolutamente nada. Ele, tal como os outros, devia simplesmente procurar lugares cheios de gente e passear observando as pessoas. Verificaria, passado um bocado, que as pessoas existem efetivamente e que não são assim tão más. Uma das coisas que acontecem às pessoas em altos cargos governamentais é que estão continuamente "protegidas das" pessoas e por fim sentem aversão pelo problema, e têm tendência a fazer todo o tipo de coisas estranhas. (Veja as vidas de Hitler e Napoleão).

Este princípio de extroversão e introversão pode ir muito mais longe numa sociedade. Há algo que poderia ser feito pelo governo e pelos negociantes em geral e que provavelmente erradicaria a ideia das greves e aumentaria notoriamente a produção. Os trabalhadores que fazem

greves estão normalmente descontentes não tanto com as condições de trabalho mas com o próprio trabalho. Sentem que têm sido vítimas, que os pressionam a trabalhar em alturas em que não desejam fazê-lo, e assim a greve aparece como um alívio real. Podem lutar contra alguma coisa. Podem fazer mais do que permanecer ali e distrair-se com uma peça de maquinaria ou o livro das contas. Os trabalhadores insatisfeitos são trabalhadores grevistas. Se as pessoas ficam exaustas no trabalho, se estão descontentes com o trabalho, se estão transtornadas com o trabalho, pode-se contar com um número de queixas, por parte destes, suficiente para fazerem greve. E se a administração tem tido bastantes problemas e falta de cooperação por parte das pessoas nos escalões hierárquicos mais baixos, é certo que mais cedo ou mais tarde a administração criará situações que levam os trabalhadores à greve. Por outras palavras, as más condições de trabalho não são realmente a razão dos problemas e disputas laborais. O cansaço do próprio trabalho ou uma incapacidade de controlar a área e os ambientes de trabalho *são* a verdadeira causa das dificuldades laborais.

Qualquer administração com rendimentos suficientes para o fazer, desde que não seja uma administração terrivelmente aberrada, pagará salários decentes. E qualquer trabalhador a quem seja dada uma oportunidade, cumprirá alegremente os seus deveres. Mas uma vez que o próprio ambiente se torne demasiado tenso, uma vez que a própria companhia tenha ficado introvertida por *overts* por parte do governo, uma vez que os trabalhadores tenham conhecimento de que não têm controle sobre a administração, podem ocorrer disputas laborais. Contudo, subjacentes a todos estes princípios evidentes, encontramos no entanto os princípios óbvios de introversão e extroversão. Os trabalhadores ficam tão introvertidos nas suas tarefas que já não são capazes de sentir afinidade pelos seus dirigentes e nunca mais serão capazes de realmente verem o ambiente em que trabalham. Por conseguinte, alguém pode chegar e dizer-lhes que todos os executivos são ogres, o que obviamente, por seu lado, também não é verdade, e a nível dos executivos alguém pode chegar e dizer-lhes que todos os trabalhadores são ogres, o que, obviamente, por esse lado tão pouco é verdade.

Na ausência de um tratamento vasto dos indivíduos, o que é uma tarefa gigantesca, poderia ser elaborado um programa completo que possa controlar o princípio da introversão. É certo que se os trabalhadores ou gerentes ficassem suficientemente introvertidos, encontrariam então meios e caminhos para inventarem jogos aberrados como as greves, e assim desfazer a produção, as relações cordiais e condições de vida dentro da fábrica, do escritório ou negócio.

A cura seria extroverter os trabalhadores numa escala muito grande. Isto podia ser feito como uma solução, dando aos trabalhadores a possibilidade de arranjam dois empregos. Seria necessário que a companhia ou que os interesses afins, tais como o governo, oferecessem um número suficiente de projetos de obras públicas que proporcionasse trabalho aos trabalhadores fora da sua esfera de trabalho exata. Por outras palavras, um homem que tem de trabalhar continuamente dentro de, e numa tarefa muito fixa, encontrará um alívio considerável se tiver de ir para o ar livre e trabalhar especialmente numa tarefa não relacionada com a outra. Como exemplo, seria um grande alívio para um contabilista poder abrir valas por algum tempo. Um operador de máquinas que manobra uma máquina fixa, achará uma experiência engraçada guiar um trator de aplanar terra.

Um plano como este traria então realmente introversão e extroversão numa grande escala e provocá-las-ia. Os trabalhadores que estão a trabalhar em lugares fixos, com a sua atenção muito concentrada, seriam então autorizados a olhar mais longe e manobrar as coisas que têm tendência a extrovertê-los. Um programa destes seria muito ambicioso, mas o certo é que se verificaria que resultaria em melhores relações de trabalho, melhor produção e uma considerável diminuição da tensão pública e no trabalho no que se refere a emprego e salários.

Em resumo, há muitas coisas que podiam ser feitas com o princípio básico da extraversão-introversão. O princípio é muito simples: quando um indivíduo é levado a introverter-se *demasiado*, as coisas que o rodeiam tornam-se menos reais, tem menos afinidade por elas e não pode comunicar bem com elas. Mais ainda, aquilo que consegue comunicar com ele tem tendência a fazê-lo em função da sua posição baixa na Escala de Tom, de modo que mesmo boas notícias serão mal recebidas por ele. Numa condição destas, ele cansa-se facilmente. A introversão resulta em esgotamento, exaustão e depois numa incapacidade de trabalhar. O remédio para ela é a extroversão, olhar bem para e comunicar com o ambiente mais alargado, e a menos que isto seja feito então, devido ao facto de que qualquer trabalhador está sujeito a ferimentos ou doenças de um tipo ou outro, o resultado será uma espiral descendente que torna o trabalho cada vez menos agradável, até por fim não poder ser executado de modo nenhum, e temos a base de uma sociedade não só improdutiva como criminosa.

8

O Homem Que Triunfa

As condições do sucesso são poucas e explicam-se facilmente.

Os empregos não se mantêm, consistente e factualmente, por acasos do destino ou da sorte. Aqueles que dependem da sorte experimentam geralmente azar. A capacidade de manter um emprego depende, principalmente, de ser-se capaz. Uma pessoa tem de ser capaz de controlar o seu trabalho e de ser controlado ao executá-lo. Tem igualmente de ser capaz de deixar certas áreas por controlar. A inteligência do indivíduo está diretamente ligada à sua capacidade. Não existe algo como ser-se demasiado inteligente. Contudo, existe o ser-se demasiado estúpido.

No entanto, pode-se ser capaz e inteligente sem ser bem sucedido. Uma parte vital do sucesso é a capacidade de manobrar e controlar não somente os utensílios de trabalho mas as pessoas por quem se está rodeado. Para conseguir isto, uma pessoa tem que ser capaz de um nível de afinidade muito elevado, deve ser capaz de tolerar as mais pesadas realidades e deve ser também capaz de dar e receber comunicação.

Os ingredientes do sucesso são então: primeiro, uma capacidade para confrontar o trabalho com alegria e não com horror; um desejo de executar o trabalho para o seu próprio bem e não porque "tem de receber um salário". Deve-se ser capaz de trabalhar sem se forçar a si mesmo ou afundar-se numa grande exaustão. Se uma pessoa experimenta estas coisas é porque há algo de errado com ela. Há qualquer elemento no seu meio ambiente que ele devia controlar e que não está a controlar ou os seus danos acumulados são tantos que o fazem afastar-se de todas as pessoas e massas, com os quais devia estar intimamente em contacto.

Os ingredientes do trabalho com sucesso são: treino e experiência no assunto a que se refere, boa inteligência e capacidade geral, elevada capacidade de afinidade, uma tolerância da realidade, e a capacidade de comunicar e receber ideias. Atingidas estas metas, fica apenas uma pequena oportunidade de fracasso.

Considerando estes pontos, um homem pode ignorar todos os acasos de nascimento, casamento ou fortuna; pois o nascimento, o casamento e a fortuna não conseguem colocar estes ingredientes necessários nas suas mãos. Pode-se ter todo o dinheiro do mundo e no entanto ser incapaz de executar uma hora de trabalho honesto. Tal pessoa seria um ser verdadeiramente infeliz.

A pessoa que evita o trabalho a todo o custo, normalmente trabalha muito mais tempo e mais

arduamente do que o homem que com agrado o confronta e o executa. Homens que não conseguem trabalhar não são homens felizes.

O trabalho é o dado estável desta sociedade. Sem alguma coisa para fazer não há razão para viver. Um homem que não consegue trabalhar é como se estivesse morto, e normalmente prefere a morte e trabalha para a obter.

Os mistérios da vida não são hoje, com Cientologia, muito misteriosos. O mistério não é um ingrediente indispensável. Apenas o homem muito aberrado deseja que os grandes segredos estejam longe dele. Cientologia abriu o caminho através das muitas complexidades que têm sido erguidas para os homens e tem revelado o núcleo destes problemas. Cientologia pela primeira vez na história da Humanidade, pode previsivelmente aumentar a inteligência, aumentar a capacidade, provocar uma recuperação da capacidade de jogar um jogo e permite que o homem fuja da espiral descendente das suas próprias incapacidades. Por conseguinte, o próprio trabalho pode tornar-se novamente uma coisa agradável e feliz.

Existe uma coisa que se tem aprendido em Cientologia que é muito importante para o estado de espírito do trabalhador. Muito frequentemente a pessoa sente que dentro da sua sociedade trabalha para o seu salário imediato e que nada ganha de importante para a sociedade em geral. Não sabe várias coisas. Uma destas, é como há tão poucos trabalhadores capazes. Ao nível dos executivos, é interessante notar como uma grande companhia considera quão precioso é um homem realmente capaz de manejar e controlar os postos e os homens. Tais pessoas são raras. Na hierarquia do mundo do trabalho diário, todo o espaço vazio está no cume.

E há outra coisa que é bastante importante, que é o facto de que o mundo de hoje tem sido levado a acreditar, por filosofias mentais planeadas para o traírem, que quando se morre tudo acaba e não há mais responsabilidades por nada. É bastante duvidoso que isto seja verdade. Herda-se amanhã aquilo de que se morreu ontem.

Uma outra coisa que sabemos é que os homens não são dispensáveis. É um mecanismo de velhas filosofias dizer aos homens que se pensam que são indispensáveis devem ir ao cemitério e olhar: aqueles homens também foram indispensáveis. Este é o mais completo disparate. Se você reparar com atenção no cemitério, encontrará o projetista que idealizou as máquinas de ontem e sem as quais não haveria, portanto, indústria hoje. É duvidoso que tal proeza esteja a ser desempenhada agora mesmo. Um trabalhador não é só um trabalhador. Um operário não é só um operário. Um escriturário não é só um escriturário. Eles vivem, respiram, são pilares importantes sobre os quais assenta a completa estrutura da nossa civilização. Eles não são engrenagens numa poderosa máquina. São a própria máquina.

Chegámos a um nível baixo de capacidade para trabalhar. Os escritórios dependem, muito frequentemente, de não mais do que um ou dois homens, e o restante pessoal parece adicionar somente complexidade às atividades da cena. Os países avançam devido à produção de apenas poucas fábricas. É como se o mundo estivesse a ser suportado por um punhado de homens desesperados que, matando-se a trabalhar, mantêm o resto do mundo a andar, mas uma vez mais eles podem não o conseguir. É a eles que este livro é dedicado.

Fim

Apêndice

A. Recuperação de um Ferimento	125
B. Como Manejar o Trabalho	127

Recuperação de um Ferimento

Se alguém se feriu, você pode ajudá-lo de muitas maneiras. A recuperação de uma queimadura, de uma contusão ou mesmo de um deslocamento ou fratura é muito mais rápida com as *Ajudas de Cientologia*.

A ajuda mais elementar é feita facilmente. Durante séculos o homem aprendeu que a "imposição das mãos" ou o "beijo da mãe" era uma terapia eficaz. Mesmo debaixo de dor, apertar um membro ferido, parece auxiliar. No entanto, o homem tem negligenciado a parte mais importante da "imposição das mãos". Siga-se aqui.

Faça exatamente isto, e faça-o falando o mínimo.

Coloque o seu dedo indicador ou os dedos ou a palma da mão sobre o membro ferido, muito ao de leve, e diga à pessoa: "Ponha a sua atenção na minha mão". Depois mude a posição do seu dedo ou da palma da mão e faça com que a pessoa execute isto novamente.

É preferível tocar pontos mais afastados da *cabeça do* que em pontos mais afastados da *ferida*.

Não fale muito. Contudo convença-a com palavras, à medida que a toca, rapidamente, ponto por ponto, a concentrar a sua atenção no seu dedo, ou dedos, ou palma da mão.

Mude o ponto de momento a momento. Esteja calmo.

Seja animador.

Se a pessoa sentir dor ou estremecimento como resultado disso, prossiga, pois a ajuda está a resultar.

Continue desta maneira durante muitos minutos, ou meia hora, se necessário, até que a dor ou a perturbação passe.

Durante esta ajuda a pessoa tem os olhos fechados.

Não é o poder do seu dedo que o está a ajudar. É o poder que ele gera por "olhar" para o seu dedo a passar pelo corpo dele. Você está a pô-lo em comunicação com o ferimento. A sua comunicação com este ferimento traz-lhe a recuperação.

Ferimentos comuns, deslocamentos, queimaduras, escaldaduras, ossos fraturados, dores de cabeça e constipações, curam-se devagar porque o indivíduo está a evitar esta área com a sua própria energia.

Uma ajuda não substitui os cuidados médicos, e não se destina a curar ferimentos que requeiram atenção médica. Primeiro chame um médico. E em seguida ajude a pessoa como puder.

Como Manejar o Trabalho

Faça-o agora.

Uma das melhores maneiras de reduzir o seu trabalho pela metade é não o fazendo duas vezes.

Provavelmente a sua mais fértil fonte de *Dev-T* é o seu trabalho duplo.

Esta é a forma como redobra o trabalho.

Pega num comunicado ou numa peça de trabalho, olha para eles e põe-os de lado para tratar mais tarde, depois mais tarde pega-lhes, torna a lê-los e só então os executa.

Só com isto, é claro, o seu tráfego redobra.

Uma das razões pelas quais eu posso manejar tanto tráfego é que não o faço duas vezes. Estabeleci uma regra rígida de que, se me encontro a manejar uma peça de tráfego, a manejo, não a ponho de lado nem a incluo na categoria de "para ser feito mais tarde".

Se me acontece andar a espreitar no meu cesto na pilha do centro de comunicações para ver o que lá esta, dou seguimento ao que encontro.

Se me entregam uma mensagem ou um dado que reclamam ação da minha parte, tomo-a logo que a recebo.

É assim que ganho "tempo de lazer".

Bem, não estou a tentar arvorar-me em modelo de virtude como o homem que faz sempre o seu trabalho; faço muitos trabalhos e tenho muitas funções; estou apenas a apresentar-me como um ocioso com ambições e economizador de precioso tempo de lazer.

Não é necessário que pareça ocupado se não o esta.

Não há necessidade de acariciar e amimar o trabalho só porque não há trabalho suficiente.

Há muito trabalho para fazer. E a melhor resposta para o trabalho de qualquer espécie é fazê-lo.

Se executar cada peça de trabalho que lhe surge pela frente *quando* ela lhe surge e não passado um bocado, se tomar sempre a iniciativa e a ação, em vez de a passar a outros, nunca terá tráfego em atraso, a não ser que tenha um psicótico do outro lado.

Em resumo, a maneira de se livrar do tráfego é dar-lhe seguimento, não passá-lo a outrem; qualquer coisa passada a alguém terá que ser lida outra vez, assimilada de novo, e manejada uma vez mais; portanto, nunca passe tráfego a outros, faça-o e assim fica feito.

Pode manter infundavelmente uma linha de comunicação em fomento ao fingir que a melhor

maneira de não ter trabalho é não manejar as coisas ou dá-las a outros. Tudo o que você não manejar volta-se contra si e morde-lhe. Tudo o que você passar a outros terá que ser feito quando se voltar de novo contra si.

Portanto, se é um verdadeiro amante do sossego, o tipo de pessoa que boceja confortavelmente com os pés em cima da secretaria mostrando os buracos nas solas, se a sua maior ambição é um longo acesso de preguiça primaveril, então fará o que lhe sugiro e manejara tudo o que lhe surge quando lhe surge e não mais tarde; e não enviara para outra pessoa uma coisa que pode fazer de imediato.

O facto de as pessoas começarem a apontá-lo como um modelo de eficiência, como a coisa que bate o próximo recorde mundial de velocidade, se começarem a ser publicados artigos acerca das maravilhas que você cria, é tudo accidental. Você e eu sabemos que o fizemos para podermos preguiçar e não ter que trabalhar. Porque pode realmente dizer-se que o caminho para todo o labor do tipo contínuo e prolongado é adiar a ação quando a mensagem é recebida ou transmitir tudo a outra pessoa; esse é o caminho para a escravidão, para os músculos fatigados e o cérebro moído; esse é o caminho para os cestos a abarrotar.

Portanto, venha preguiçar comigo. Faça-o quando o vê e faça-o você mesmo.

Acerca do Autor

L. Ron Hubbard é um dos mais aclamados e mais lidos, escritores de todos os tempos, e por uma razão muito importante - a sua escrita expressa um conhecimento, em primeira mão, sobre a vida e a natureza do homem.

Como Ron disse, "Uma pessoa não aprende sobre a vida sentando-se numa torre de marfim, a pensar nela. Uma pessoa aprende sobre a vida fazendo parte dela". E foi assim que viveu.

Nascido em Tilden, Nebraska em 13 de Março de 1911, a sua vida foi tudo menos protegida. Foi criado no duro ambiente de Montana onde aprendeu muito rapidamente que a sobrevivência dependia absolutamente da capacidade pessoal.

No princípio da sua juventude, Ron viajou extensivamente. Por volta dos dezanove anos de idade já tinha viajado quatrocentos e dois mil duzentos e cinquenta quilómetros, incluindo viagens à China, Japão e a outros pontos no Oriente e Pacífico Sul, e tinha-se familiarizado de perto com vinte e uma raças diferentes em áreas por todo o mundo.

Depois de regressar aos Estados Unidos, ele frequentou a Universidade de George Washington, onde estudou Engenharia, Matemáticas Superiores e foi mesmo membro de uma das primeiras classes americanas de Física Nuclear que alguma vez se ensinaram.

Durante as suas viagens, os seus estudos académicos e as suas próprias atividades profissionais, Ron nunca se afastou do seu propósito original de prover a Humanidade com uma tecnologia funcional para melhorar a vida. Apercebeu-se que não havia uma tecnologia real da mente humana e descobriu que as "tecnologias" que os profissionais da mente tinham desenvolvido neste planeta eram de facto bárbaras. Estava determinado a descobrir a solução para isto através dos seus estudos da Humanidade e da vida.

Os tremendos resultados da sua primeira pesquisa chegaram pela primeira vez ao grande público em Maio de 1950, com a publicação de *Dianética: A Ciência Moderna da Saúde Mental*. Este livro imediatamente se converteu num *bestseller*. Foi o primeiro livro do seu género - um livro prático sobre a mente que qualquer leigo poderia ler, aplicar e usar diretamente para experimentar um aumento de consciência, alívio, onde existiam condições físicas indesejáveis e uma nova vida.

As descobertas de Ron conduziram-no cada vez mais além, em direção ao domínio do espírito humano. Avanço seguindo-se a avanço, cada um pondo de lado barreiras anteriormente inultrapassáveis, permitindo ao Homem atingir estados de existência nunca antes sonhados. Estes avanços foram codificados e tornaram-se os mais importantes princípios de Cientologia - uma forma funcional para melhorar a vida neste mundo enturbulado.

Os Problemas do Trabalho foi escrito por Ron para ajudar a resolver as dificuldades que as pessoas encontram a manejar uma das partes mais importante das suas vidas - o trabalho. Neste livro ele abriu caminho à capacidade de longo alcance da tecnologia de Cientologia para o mundo do

trabalho. Usando apenas alguns dos materiais deste livro, pessoas aprenderam a vencer as dificuldades do trabalho e problemas relacionados com o seu trabalho, que anteriormente pareciam não ter solução e ser esmagadores.

Ron dedicou a sua vida a ajudar os outros e a desenvolver técnicas que poderiam assegurar a rota para níveis mais elevados de compreensão que poderiam ser percorridos por qualquer um.

As suas obras - incluindo um impressionante número de livros, conferências gravadas, filmes de instrução, escritos, demonstrações e sumários - são estudados e aplicados em centenas de organizações de Dianética e Cientologia por todo o mundo. Adicionalmente, milhões de indivíduos, englobando todos os continentes, aplicam a sua tecnologia diariamente nos seus lares, escolas e locais de trabalho para melhorar as suas vidas e as dos amigos, família e colegas de trabalho.

Com a sua pesquisa totalmente terminada e codificada, L. Ron Hubbard deixou o corpo em 24 de Janeiro de 1986.

A tecnologia espiritual que ele deu à Humanidade possibilita-nos alcançar o sonho de Ron, "Uma civilização sem insanidade, sem criminosos e sem guerra, onde o capaz possa prosperar, os seres honestos possam ter direitos, e onde o Homem seja livre para se elevar a maiores alturas".

Os seus trabalhos tornam este sonho atingível. Aplicar a sua tecnologia é tudo o que se necessita para o atingir.

Glossário

a todo o custo: zelosamente; de todo o coração; deliberadamente.

aberração: um desvio de pensamento ou comportamento racionais. Basicamente significa errar, cometer equívocos, ou mais especificamente ter ideias fixas, que não são verdadeiras. Usa-se também a palavra no sentido científico. Significa um desvio de uma linha reta. Se uma linha tivesse de ir de A a B, então *é aberrada* se fosse de A até um outro ponto, até um outro ponto, até um outro ponto, até um outro ponto e finalmente chegasse a B. Tomada no seu sentido científico, também significaria a falta de retidão ou ver de uma forma tortuosa como, por exemplo, uma pessoa ver um cavalo mas pensar que vê um elefante. Conduta aberrada seria conduta errada, ou conduta que não seja apoiada pela razão. A aberração opõe-se à sanidade, que seria o seu oposto. Do latim, *aberrare*, afastar--se de; Latim, *ab*, ao longe, *errare*, desviar-se.

acasos: vantagens acidentais; golpes de boa sorte.

agitadores: indivíduos que tentam incitar as pessoas a ações violentas fazendo apelo a emoções, preconceitos, etc.

ajudas: processos simples e fáceis de fazer que podem ser aplicados a qualquer pessoa para a ajudar a recuperar-se mais rapidamente de acidentes, enfermidade moderada ou perturbações.

anatomia: aquilo de que uma coisa é feita ou como é colocada num todo.

antigos: Os povos civilizados, nações ou culturas da antiguidade, como os gregos, romanos, hebreus e egípcios.

ádua: envolvendo grande dificuldade ou esforço; difícil.

aspirante: uma pessoa que tem ambição em relação a algo.

atolado: envolvido em dificuldades; enredado.

beingness: a assunção ou escolha de uma categoria de identidade. Beingness é assumido ou outorgado à própria pessoa, ou é atingido. Exemplos de beingness seriam o próprio nome da pessoa, a profissão, as características físicas, o papel de uma pessoa num jogo - toda e qualquer uma destas coisas poderiam ser chamadas de beingness da pessoa.

boxes: (corridas) a área do lado da pista de corrida para servir e reabastecer os veículos.

calúnia: relatos falsos com a intenção de causar dano ao bom-nome e reputação de outra pessoa.

capital: riqueza (dinheiro ou bens) possuída ou usada em negócios por uma pessoa, firma, etc.

funções: deveres especializados numa organização. *Função* é o termo em gíria para o título e trabalho de um posto numa organização de Cientologia; tomado do facto de que em muitas

profissões tais como os ferroviários o tipo de funções usado é o rótulo do emprego.

Charles Dickens: (1812-70), romancista inglês dos finais do século dezanove, cujos livros são famosos pelos personagens pitorescos e extravagantes da camada mais baixa da economia inglesa daquela época.

Cientologia: A filosofia de Cientologia. É o estudo e manejo do espírito com relação a ele mesmo, universos e outras formas de vida. Cientologia significa *scio*, saber no sentido mais lato da palavra e *logos*, estudo. A palavra em si significa literalmente *saber como saber*. Cientologia é mais uma "rota", um caminho, do que uma dissertação ou um corpo de conhecimento assertivo. Através de seus exercícios e estudo uma pessoa pode, por si própria, encontrar a verdade. A tecnologia não é, por conseguinte, exposta como algo para se acreditar, mas como algo para se *fazer*.

circuito: uma parte da mente reativa de um indivíduo que se comporta como se fosse algo ou alguém separado dele e que ou fala com ele ou entra em ação à sua própria escolha, e pode até mesmo, se suficientemente grave, tomar o controle dele enquanto opera. Uma melodia que fica a dar voltas na cabeça de uma pessoa é um exemplo de um circuito.

convulsões: qualquer distúrbio violento, como uma perturbação social ou um tremor de terra.

crítico: necessário para algum trabalho ou projeto, porém existindo em quantidade insuficiente.

cronicamente: continuamente; constantemente.

dados: informações.

deliberadamente: com respectiva consideração, refletidamente.

depressão: um período durante o qual os negócios, emprego e os valores do mercado de ações declinam severamente e permanecem num nível de atividade muito baixo.

desenganado: (no uso corrente) liberto de falsas ideias. Usado aqui no sentido de "roubado ou privado de".

despótico: tendo poder sem restrições.

determinismo: poder de escolha, poder de decisão, capacidade para decidir ou determinar o curso da ação de uma pessoa.

dev-t: abreviatura para Tráfego Desenvolvido (Develloped Traffic em inglês). O Tráfego Desenvolvido não é o tráfego normal e necessário, (fluxo de pessoas ou mensagens ao longo de linhas de comunicação). Significa tráfego não comum e desnecessário - um grande número de movimentos necessários quando era necessário apenas um único.

Dianética: A tecnologia de Dianética. Dirige-se a, e maneja os efeitos do espírito sobre o corpo e pode aliviar coisas como sensações e emoções indesejadas, acidentes, ferimentos, e doenças psicossomáticas (aquelas que são causadas ou pioradas por stress mental). *Dianética* significa "através da alma" (do grego *dia*, através, e *nous*, alma). É adicionalmente definida como "o que a alma está a fazer ao corpo".

diligência: atividade enérgica e devotada em qualquer trabalho ou tarefa.

dinastias: sucessões de governantes que são membros da mesma família.

doutrina: aquilo que é ensinado ou exposto em relação a um assunto específico ou departamento de conhecimento, como religião, política, ciência, etc.; dogma.

dramatizar: repetir em ação uma experiência que aconteceu a uma pessoa.

eficiência: Consecução de ou capacidade para completar um trabalho com um mínimo de tempo e de esforço.

encoberto: dissimulado, oculto, secreto, disfarçado.

entorpecido: sem energia, enfraquecido.

escala abaixo: em direção a níveis mais baixos da Escala de Tom. *Ver também* Escala de Tom no glossário.

Escala de Tom: uma escala em Cientologia que mostra os tons emocionais de uma pessoa. Numa escala desde o mais alto até ao mais baixo, estes são, em parte, serenidade, entusiasmo (à medida que avançamos para baixo), conservantismo, aborrecimento, antagonismo, ira, hostilidade encoberta, medo, pesar, apatia. É dado um valor numérico arbitrário a cada nível da escala. Há muitos aspetos da Escala de Tom, e o seu uso torna possível prever o comportamento humano. Para mais informação acerca da Escala de Tom, leia o livro *Ciência da Sobrevivência* de L. Ron Hubbard.

escaldaduras: queimaduras causadas pela ação de líquido quente ou vapor.

esteira: seguir atrás diretamente e de perto.

estenógrafa: uma pessoa perita em estenografia (qualquer sistema de escrever depressa usando símbolos feitos rapidamente, em vez de letras, palavras e frases), especificamente a perícia ou o trabalho de anotar ditados, testemunhos, etc., em estenografia e mais tarde transcrevê-los como dactilógrafa.

fado: a posição de uma pessoa na vida; sorte, destino.

fictícias: simuladas, ilusórias, aparente.

fomento: incitamento ou estímulo (de complicações, descontentamento, etc.)

gradiente: abreviação de *escala de gradiente*, uma escala de condições graduada do zero ao infinito. Numa escala de realidade, tudo acima do zero ou do centro seria cada vez mais real, aproximando-se da realidade infinita, e tudo abaixo do zero ou do centro seria cada vez mais irreal, aproximando-se da irrealidade infinita. Absolutos são considerados inatingíveis.

havingness: o conceito de ser capaz de alcançar. Por havingness pretendemos dizer poder ser dono de, possuir, ser capaz de comandar, tomar conta de objetos, energias e espaços.

hinos Védicos: as antigas escrituras do Hinduísmo; hinos religiosos que tratam do mais antigo material ou conhecimento aqui na Terra em forma de dados.

Hitler: Adolf Hitler (1889-1945), ditador da Alemanha de 1933 até 1945. Os avanços militares de Hitler contribuíram para começar a Segunda Guerra Mundial. É conhecido por matar milhões de judeus na crença de que contaminariam o povo alemão.

Homero: poeta grego semi-legendário por volta do século oito, A.C.

ideologia: um esquema sistemático de ideias, normalmente relacionado com a política, sociedade ou conduta de uma classe ou grupo, e considerado como uma justificativa para ações, especialmente uma ação mantida implicitamente, ou adotada como um todo, e mantida independentemente do curso dos acontecimentos.

Ilhas Lótus: lódão também as Terras do Lótus. Na *Odisseia* de Homero, o herói Ulisses e a sua tripulação foram levados à terra dos comedores de lótus, povo que comia a fruta de uma planta que causava numa pessoa a perda de toda a memória da sua pátria e família. Ulisses teve de forçar a sua tripulação a voltar ao seu navio para então poderem partir.

individualidade: a soma das características ou qualidades que separa uma pessoa ou coisa de outras; carácter individual.

infame: tendo uma reputação muito má; notório.

inferno: qualquer lugar ou estado de tormenta ou miséria.

injunções: (*Jurídico*) processos ou ordens judiciais exigindo que a pessoa ou as pessoas às quais são dirigidas façam ou parem de fazer uma certa ação.

intenção: algo que alguém deseja fazer. É um impulso em direção a algo, uma ideia que se quer realizar. É intencional o que significa que uma pessoa *tenciona* fazê-lo.

invalidar: refutar, rebaixar, desacreditar ou negar algo que alguém considera ser um facto.

jocosa: divertida, humorística, cheia de graça.

jogo: uma competição de pessoa contra pessoa, ou de equipa contra equipa.

linhas de comunicação: rotas ao longo das quais a comunicação viaja de uma pessoa para outra; quaisquer sequências através das quais uma mensagem de qualquer carácter pode ir.

M.I.T.: Massachusetts Institute of Technology, uma universidade localizada em Massachusetts (EUA) especializada no ensino da ciência e da tecnologia.

mal emoção: má-emoção seria indicar que a pessoa não apresentou a emoção requerida pelas verdadeiras circunstâncias da situação. Estar com má-emoção seria o sinónimo de ser irracional. Pode-se corretamente julgar a racionalidade de qualquer indivíduo pela correção das emoções que apresenta em qualquer dado conjunto de circunstâncias. Estar alegre e feliz quando as circunstâncias requerem alegria e felicidade seria racional. Apresentar pesar sem causa suficiente no tempo presente seria irracional.

manejar: resolver, controlar, dominar, manobrar, administrar.

máxima: um princípio expresso concisamente ou regras de conduta, ou declaração de uma verdade geral.

mente analítica: a mente consciente e alerta que pensa, observa dados, recorda-os e resolve problemas. Seria, essencialmente, a mente consciente comparada com a mente inconsciente. Na Dianética e em Cientologia, a mente analítica é a mente que está desperta e ciente e a mente reativa simplesmente reage sem análise.

mente reativa: a parte da mente que funciona numa base de estímulo-resposta (sendo-lhe dado um certo estímulo, dará automaticamente uma certa resposta) que não está sob comando voluntário da pessoa e que exerce força e poder de comando sobre a consciência, os propósitos, os pensamentos, o corpo e as ações da pessoa.

miopia: ser capaz de ver com nitidez apenas o que está perto.

movimento ao acaso: condição de ser sem fim, propósito, ou método definidos, ou sem adesão a um acordo prévio; existindo de uma maneira casual.

não positivo: não preciso, não específico.

Napoleão: Napoleão Bonaparte (1769-1821), líder militar francês. Subiu ao poder em França pela força militar, proclamou-se imperador e conduziu campanhas de conquista através da Europa até à derrota final por exércitos aliados em 1815.

neurótico: exibindo um comportamento característico de uma pessoa que está insana ou perturbada em relação a algum assunto (em oposição a um psicótico, que apenas é insano em geral).

notoriamente: conhecido ou, de quem se fala, de uma forma ampla mas de um modo desfavorável.

oficina: pequeno local de trabalho, especialmente trabalho manual.

ogres: no folclore e contos de fadas, monstros que comiam carne humana, geralmente representados como gigantes medonhos; desde então os homens comparam-se a tais monstros em aparência ou carácter.

ologias: um uso humorístico.

overts: actos nocivos cometidos num esforço para resolver um problema, ou problemas; actos levando ao dano, redução ou degradação de outro, outros ou da sua beingness, pessoas, bens, ou associações. Os overts podem ser intencionais ou não-intencionais.

padrão de treino: um mecanismo de estímulo-resposta estabelecido pela mente analítica para desempenhar uma atividade de natureza rotineira ou de emergência.

palavra de ordem: uma palavra ou frase usada para incorporar o princípio ou regra orientadoras de uma ação de partido ou indivíduo.

penoso: trabalho desagradável, sombrio ou duro.

perpetraram: fizeram ou desempenharam (algo mau, criminoso ou ofensivo); foram culpados de.

plano: um nível de desenvolvimento, realização, existência, etc.

privação: falta das necessidades e confortos ordinários da vida.

processados: ter os processos e procedimentos de Cientologia aplicados a si por um praticante treinado. A isto chama-se *processamento*. A definição exata de *processamento* é a ação de fazer uma pergunta a uma pessoa (que a possa compreender e responder), obter uma resposta a essa pergunta e acusar a receção à pessoa pela resposta. *Ver também* processo no glossário.

processo: um conjunto de perguntas ou comandos dados por um praticante de Cientologia ou Dianética para ajudar uma pessoa a descobrir coisas sobre si ou sobre a vida e melhorar a sua condição.

propiciadora: agir de maneira calculada para reduzir a raiva ou ganhar o favor de outrem; tentar acalmar ou aquietar.

psicótico: caracterizado por ou afligir com psicose; insano. Em psiquiatria, Psicose é qualquer forma maior de aflição ou doença mental. Em Cientologia, um psicótico é classificado como uma pessoa que é física ou mentalmente prejudicial para aqueles à sua volta numa proporção maior do que a quantidade de benefício que ele é para eles.

queimar as pestanas: expressão informal, significando à custa de muito esforço e leitura.

ramificações: assuntos, problemas, etc. relacionados ou derivados; resultado suplementar; consequências.

regime: uma maneira, método ou sistema de regra ou governo; um sistema ou instituição tendo uma influência ou predomínio vasto. Agora frequentemente aplicado depreciativamente a um específico governo ou administração.

restimulado: tendo uma memória passada restimulada devido a circunstâncias semelhantes no presente se assemelharem a circunstâncias do passado.

retardado: anormalmente abrandado ou parado, em crescimento ou desenvolvimento.

segundo ele: a opinião da pessoa, informação ou grau de conhecimento que pode indicar.

sofisma: uma noção ilusória (enganadora, decepcionante), especialmente baseada em raciocínio falso.

sofisma: erro de pensamento em que, de má-fé, se empregam argumentos falsos com aparência de verdadeiros.

Sr. Marx: Karl Marx (1818 - 1883). Filósofo político alemão visto por alguns como o fundador do socialismo moderno. A obra pela, qual é mais conhecido é "O Manifesto Comunista" onde afirma que os males da sociedade capitalista, não podem ser abolidos por reforma, mas apenas pela destruição da economia capitalista por inteiro e o estabelecimento de uma nova sociedade sem classes.

sub-apatia: um nível abaixo de apatia, tão baixo que constitui um estado mental de não-afinidade, não-emoção, não-problema, não-consequência em coisas que são de facto extremamente importantes.

tempo presente: o tempo que é o agora e que se torna passado quase tão rapidamente como é observado. É um termo aplicado de modo aproximado ao meio ambiente agora existente.

terminais: qualquer coisa usada num sistema de comunicação; qualquer coisa que possa receber, retransmitir ou enviar uma comunicação; um homem seria um terminal, um posto (posição, emprego ou tarefa de que se incumbe uma pessoa) porém também seria um terminal.

tiranía: opressão, despotismo.

titânica: de enorme proporção, força, poder, etc.; gigantesca.

tom: um nível de emoção como dado na Escala de Tom. *Ver também* Escala de Tom no glossário.

trama: uma conspiração secreta.

vigor: energia, vitalidade, como no movimento, etc.

vivência: a atividade de seguir um certo rumo, impelido (conduzido) por um propósito e com algum destino a que chegar.

Índex

Aberração, 69, 71; *Ver também*

insanidade; neurose

afinidade, *Ver também* **ARC**;

comunicação; realidade;

Escala de Tom

aumento de, 110

definida, 83, 93

perda de, por instrumentos, 96

ajudas para ferimento, 125; *Ver*

também **ferimento**

anatomia da confusão, 22; *Ver*

também **confusão**

apatia, *Ver também* **ARC**; **Escala de**

Tom

área abaixo de, 88-92

características de uma pessoa

em, 91

dependência da sorte e, 26

Escala de Tom começa abaixo

de, 88

ARC, *Ver também* **afinidade**;

comunicação; realidade;

Escala de Tom

aplicação de, 86-88, 97

definido, 83-84

sucesso e, 119-120

assassino, potencial, 90

atenção, 106-108, 109; *Ver também*

exaustão; extroversão;

introversão

autoconfiança, 76

automatização, 34, 36, 38

barreiras, 68; *Ver também* **jogo**

boas estradas e bom tempo, 85

bom controle, *Ver também* **mau**

controle; ciclo de ação

ciclo de ação e, 49

consiste em, 49

definido, 27

diferença entre mau controle e,

27

bom trabalhador, 46

briga doméstica, 110

caos, 11; *Ver também* **confusão**

capacidade, *Ver também* **controle**;

inteligência

ganhar novamente o entusiasmo por e a capaci-

dade de,

96

trabalhar, 96

inteligência, sucesso e, 119

para comunicar, 94

para tolerar confusão ou controle, 61

perda de capacidade de usar

instrumentos, 96

148

149

capacidade, (*cont.*)

peçoal, 5

retorno da capacidade para controlar o meio am-

biente, 76

capacidade pessoal, 5, 8; *Ver também*

capacidade

casamento, 95-96

certeza, *Ver também* **segurança**

definida, 26

ciclo de ação, *Ver também*

mudar; controle; começar;

parar

bom e mau controle e, 49-51

composto por, 48

da vida, 49

dado estável e, 53

do universo, 52

exemplo mais antigo de, 48

peçoas que abusam, 56

Ciência de Sobrevivência, 96

Cientologia,

ajudas, 123

assuntos de introversão e extroversão, 106

benefícios de, 14, 60

Escala de Tom de, 88

mistérios e, 121 processos; *Ver* **processo Cien-**

tologista, *Ver também*

Cientologia

uso da Escala de Tom por, 88

peçoal em sub-apatia e, 90

pode manejar a exaustão, 105

cinismo, 5, 13

circuito, 92

classe trabalhadora, 70; *Ver também*

gerência

contra a gerência, 70

cura de dificuldades na classe

trabalhadora, 114

começar, *Ver também* **ciclo de ação**;

controle; mudar; parar

começar e parar, 48-49
 criação e, 56-58
 pessoas fixas em, 55
como falar com um homem, 96
como manejar o trabalho, 127
competência, 75-76
comunicação, *Ver também*
 afinidade, ARC, Escala de Tom,
realidade
 com pessoas, 95
 com uma parte ferida do corpo, 126
 definida, 84
 em diferentes níveis da Escala de Tom, 91,93
 linhas de, 85, 129
 realidade e, 94-95
condição de jogo, 71; *Ver também*
 jogo
confusão, *Ver também* **dado estável**
 anatomia da, 22
 capacidade para tolerar, 61
 causada por, 29
 composta por, 24
 definida, 22
 dramatização de, 40
 é contagiosa, 61
 exemplos de, 23, 24
 manejar, 61-62
 problemas não resolvidos são, 21
 sorte e, 21
conhecimento, 13, 24
contingência(s),
 compreender princípios básicos de, 14
 mau controle e, 50
 pessoa que tem, 107
contra propósitos, 69; *Ver também*
 propósito
controle, *Ver também* **ciclo de ação; jogos; não-controle**
 anatomia de, 52
 ARC e, 96
 bom controle; *ver* **bom controle**
 capacidade para tolerar, 62
 confusão e, 63
 consiste em, 47
 controle encoberto, 47
 decréscimo de, 52, 73
controle, (cont.)
 deixar de controlar, 96, 105
 disposição para não controlar, 64
 do trabalho, 119
 fracasso em, 96, 105
 intenção e, 27

jogo e, 72
 manejar, 24
 maquinaria e, 51
 mau controle; *Ver* **mau controle**
 nível de sub-apatia na Escala de Tom e, 105
 obsessivo, 73
 propósito exerce controle sobre a vida, 38
 ressentimento pelo, 51
 retorno da capacidade de controlar o meio ambiente, 76
 tentativa de controle e condição de não-saber, 47
criação, *Ver também* **ciclo de ação**
 começar e, 56-58
 criação obsessiva de jogos aberrados, 71
 intenção da vida e, 49
 trabalho tem de ser criado, 35
criança, 102-103
criminoso, 34, 35
cura,
 para a fixação de atenção, 109, 112
 para dificuldades de trabalho, 114
dado estável, *Ver também* **confusão**
 a vida tem certos dados estáveis, 38
 ciclo de ação e, 53
 consequência de abalar, 29
 doutrina do, 23
 ensinar com o dado estável, 24-25
 invalidação de, 29, 40
 lado oposto do, 28
 manejar confusão com, 24
 para a confusão da existência, 39
 seleção de, 24
dado estável, (cont.)
 ser um dado estável para os outros, 62
 trabalho é o dado estável da sociedade, 118
"dar um passeio", 109; *Ver também*
 processo
delinquência juvenil, 102 **desamparo**, 53
destruição, 49, 58; *Ver também* **ciclo de ação**
dev-t, 127
Dianética, 88
diferença,
 entre bom e mau controle, 27
 entre trabalho e divertimento, 35
 entre trabalhador e executivo, 45

diligência, 5, 7

direito de trabalhar, 34; *Ver também*
trabalho disposi-
ção,
das crianças, para trabalhar, 103
para não-controlar, 63, 72

divertimento, definido, 36; *Ver também* **trabalho**

doença, 78; *Ver também* **ferimento**

Doutrina do Dado Estável, 23 ; *Ver*
também **confusão; dado estável**

economia, 29

economia nacional, 29

educação,
dado estável e, 24
manter um emprego e, 6, 7
razão da fracasso na, 23
eficiência, *Ver também* **controle**,
ineficiência
definida, 72
modelo de, 129

emoções, *Ver também* **Escala de Tom**

emprego, *Ver também* **atenção** ;
exaustão; extroversão
a única maneira de manter, 41
emprego do Estado, 41
é um jogo, 68
medo de perder, 41

emprego, (cont.)
necessidade do emprego para a vida, 10
problemas em um homem manter um, 5
resultado de perder todos os
empregos futuros, 33
segredo de desempenhar bem
uma tarefa, 62

encanto pessoal, 5, 6

energia, 104, 110

engrenagem, 122

ensinar, 24-25 ; *Ver também* **educação**

equipas, 70

Era Industrial, 11

Escala de Tom, *Ver também* **ARC**
capacidade de usar ferramentas e, 96
começa muito abaixo de apatia, 88-89
comunicação em diferentes níveis da, 92
deixar de controlar e, 105
descrição dos níveis da, 96
nível de sub-apatia da, 105
níveis de realidade, 92
pessoa introvertida e, 106
vendedores e, 112

escravidão, 12

espírito, tranquilidade de, 60

estupidez, 7, 8, 23, 26

evitar o trabalho, 118; *Ver também*
trabalho

exaustão, *Ver também* **extroversão; introversão**
causa de, 103-104
crônica, 104
impedir o trabalho e, 103
maneira errada de manejar, 108
manejo de, pelo governo e indústria, 115
neurose e, 104
pelo contacto com as pessoas, 112
ponto abaixo de, 105
remédio para, 109, 112

exaustão, (cont.)
sub-apatia na Escala de Tom e,
105
treinada numa pessoa, 105

executivo, 45; *Ver também* **gestão;**
trabalhador

exercício, 109-110

extroversão, *Ver também* **atenção;**
exaustão; introversão
através do uso de uma tarefa sem
relação, 114
características de, 106
como cura para as dificuldades
com o trabalho, 114
definida, 106
importância de, 111
introversão e, 106

falhas mecânicas, 52

felicidade, 34

férias, 35

ferimento,
erradicação do, 76
exaustão e, 104
ferramentas de identificação com,
78
fixa-se na mente reativa, 73
inatividade, moral, e, 103-104
pessoa em sub-apatia e, 91
recuperação de um, 125
restimulação de, 104
resultado de ferimento com uma
máquina, 77

ferramentas, 78, 96

filosofia mental, 121

fixação, *Ver também* **exaustão; extroversão; in-**
troversão
cura de, 109
de atenção em pessoas, 112
em começar, mudar ou parar, 55
56
fixação de atenção e cansaço, 108

fracasso, *Ver também* **sucesso**
acumulação de, 73
controle e, 105
de intenção, 96
razão do, 73-76

frenético, 49

- gerência**, 70; *Ver também* **trabalho governo**,
 aplicação da extroversão
 pelo, 113
 efeito do governo sobre o trabalhador, 19-20
 falta de propósito de empregos
 no, 41
- greves**, 113
- hábito**,
 definido, 52
- havingness**, 112; *Ver também* **realidade**
- hinos védicos**, 48
- homem, homens**, *Ver também* **executivo; trabalhador**
 como falar com, 99
 não são dispensáveis, 121
 problemas de um homem em
 manter um emprego, 19
 que se ressentia com controle, 51
 que triunfa, 119-120
- incapacidade**, *Ver também* **capacidade**
 do criminoso para trabalhar, 34,
 35
 para controlar coisas, 51
 para prestar atenção ao próprio
 emprego, 76
- incerteza**, 26; *Ver também* **certeza;**
confusão
- incompetência**, 50, 53; *Ver também*
competência
- inconsciência**, 74
- ineficiência**, *Ver também* **controle;**
eficiência; mau controle
 definida, 72
 incapacidade de controlar e, 53
 mau controle e, 50
- ingredientes do sucesso**, 119; *Ver*
também **sucesso**
- insanidade**, *Ver também* **neurose**
 é contagiosa, 61
 negar trabalho e, 34
 no meio ambiente, 40
 relação de segurança com a, 12
 remédio para, 37
- insegurança**, 12; *Ver também* **certeza;**
incerteza; segurança
- inteligência**, *Ver também* **capacidade; controle**
 capacidade e, 119
 Cientologia pode aumentar a, 14
 definida, 25
 manter um emprego e, 5, 7
 sucesso e, 119
- intenção**,
- meta do trabalhador**, 9
- mistério**, 118
- controle e, 27
 dando o resultado oposto ao
 esperado, 96
- interesse**, 5, 7
- introversão**, 106; *Ver também*
atenção; exaustão; extroversão
- ira**, 84, 92; *Ver também* **ARC; Escala**
de Tom
- jogo**, *Ver também* **controle; não-controle**
 a vida é um, 67-68
 consiste em, 68, 73
 criação obsessiva de jogos aberran-
 dos, 71
 incapacidade para ver o verdadeiro jogo, 70
 jogo inventado de trabalhadores
 contra a gerência, 70
 o emprego é um, 68
 o Homem tem que ter um, 70
- labuta**, 12
- leis de trabalho infantil**, 34, 102
- liberdades**, 68, 73; *Ver também* **jogo ligações fa-**
miliares, 5
- linha de comunicação**, 129
- loucura**, 34, 37, 38; *Ver também*
insanidade; neurose
- má-emoção**, 83
- máquina**,
 capacidade de estar descansado
 em relação a, 77
 ensinar o uso da, 24-25
 ferimento em, 77
 incapacidade de controlar, 49
 mundo onde a máquina reina, 9
 trabalhadores não são engrenagens de uma, 122
- massa**, 110
- mau controle**, *Ver também* **controle**
 ciclo de ação e, 49
 definido, 27, 49, 50
 diferença entre bom controle e, 27
 falsidade de, 46
 manifestações de, 50
- mau trabalhador**, 66; *Ver também*
trabalhador
- médicos**, 112-113
- mente analítica**, 76; *Ver também*
mente reativa
- mente reativa**, 73; *Ver também*
mente analítica
- moral**, 104
- movimento ao acaso**, 22; *Ver também* **confusão**
- mudar**, *Ver também* **ciclo de ação;**
começar; controle; parar
 capacidade para continuar coisas, 57

começar, mudar e parar, 48-50
fixação em, 56

não-controle, *Ver também controle; jogo*
jogo e, 72
necessidade de deixar as coisas
por controlar, 67
oponente tem de ser não contro-
lado, 72
valor de, 73

não-saber, 12

negócio,
aplicação de extroversão no, 115
condição ótima de, 58

neurose, 15, 34, 104; *ver também*
insanidade

óculos, 108

"Olhar para eles", 111; *Ver também*
processo

oponente, 69, 73

padrão de treino, 91

pânico, 53

parar, *Ver também ciclo de ação;*
começar; controle; mudar
começar, mudar e, 49
destruição e, 58
fixação em, 56
sociedade e, 57

peça, 9, 20

personalidade extrovertida, 106

personalidade introvertida, 106

**"Ponha a sua atenção na minha
mão"**, 125; *Ver também processo*

pouca sorte, 10, 107, 119

praticante, *Ver também*
Cientologista

prazer, 68

princípio de extroversão e introversão, 106, 115;
Ver também atenção;
exaustão

problema, *Ver também confusão*
de um homem em manter um
emprego, 21
invenção de, 69
necessidade de, 69
suficientes problemas por
resolver adicionam-se a
uma, 21
enorme confusão, 21

processo,
"Dar um passeio" 109
"Olhe para eles" 111
"Ponha a sua atenção na minha
mão" 125
para voltar a ter entusiasmo por
e capacidade para
trabalhar, 94-95

processo de ajuda para ferimento,
126; *Ver também ferimento*

produção, acréscimo de, 113

propósito,
efeito do trabalho sem, 39-40
exemplos de trabalhos sem, 41
exerce controle sobre a vida, 38
invalidação de, 39-40
jogos e, 68
trabalho, divertimento e, 36

propósitos cruzados, 42; *Ver também*
propósito

psicótico,
duas coisas que podem ser, 60

quadros de imagem mental, 75; *Ver*
também ferimento; mente reativa

realidade, 83; *Ver também afinidade;*
ARC; comunicação; Escala de
Tom
acordo e, 92, 95, 106
como estabelecer, 95
comunicação e, 94-95
definida, 84, 106
nível de realidade para cada
nível de tom, 92
tolerância de solidez e, 92

recuperação de ferimento, 126

relações familiares, 5, 6

restimulação, 74, 104

revolução, 10, 37-38

rico, 9

rota para a loucura, 38; *Ver também*
insanidade

sanidade e segurança, 12-13

saturado, 112

segurança, *Ver também certeza*
a meta do homem trabalhador é, 9
conhecimento e, 13
definida, 26
faz parte da vida, 11
sanidade e, 12
tornada trêmula pelo governo, 9

serenidade, 91; *Ver também ARC;*
Escala de Tom

sobreviver, 49

sociedade,
criativa, 58
não produtiva e criminosa, 116
neurose, 34
pessoas que param e, 57
que consegue apenas fazer parar,
58
que dura, 58
trabalho é um dado estável na
sociedade, 118

solidez, 92

sorte, *Ver também confusão; dado*
estável
aparência de a sorte ser um fator
no trabalho, 8

- confusão e, 8, 21, 26
definida, 21
depende da, 119
princípios básicos da, 14
pouca sorte; *Ver* **pouca sorte**
tentar manejar a vida com, 21
- sub-apatia**, *Ver também afinidade*;
apatia; Escala de Tom
controle e, 105
exaustão e, 105
pessoas em sub-apatia estão
doentes, 92
pessoa em sub-apatia e um
risco, 91
- sucesso**,
condições de, 119
homem que triunfa, 119-122
ingredientes de, 119-122
- supervisão**, 60
- tempo de reação**, 14
- tensão excessiva**, 112
- terminais**, 84
- trabalhadores**, *Ver também executivo; gerência*
bons trabalhadores, 46, 62-63
diferença entre executivo e, 45
o melhor que possuem, 62
mau trabalhador, 46
- trabalhadores**, (*cont.*)
não são engrenagens de uma
máquina, 122
razão das greves por, 113
vitimizado por, 62-63
- trabalho**, *Ver também emprego*;
divertimento
automatismo e, 36
a vida é sete décimos
trabalho, 12
causa do desagrado pelo, 35, 42
como manejar o, 127
como cortar pela metade, 127
criança desencorajada em relação
a, 103
criminoso não consegue trabalhar, 101
dado estável para a confusão da
existência, 39
definido, 36, 107
diferença entre trabalho e diverti-
mento, 36
direito ao, 34
- é um dado estável desta
sociedade, 118
efeito de trabalho sem propósito,
39
faz parte da vida, 11
felicidade e, 34
impedimento ao, 103
incapacidade do criminoso para o, 36
ingredientes do sucesso no, 119-120
não é uma labuta, 12
papel do trabalho na vida, 11
parecendo caótico, 11
pessoa que evita o, 11.8
tem que ser criado, 35
tem de se ser capaz de o contro-
lar, 119
tentativas para invalidar o dado
estável do, 39
tornado menos agradável, 116
uso do ARC para voltar a ter
entusiasmo pelo, 97
- trabalho a dobrar**, *ver também trabalho*
- tráfico**, 127
- tranquilidade mental**, 62
- treino**, 118 *Ver também educação*
- Triângulo ARC**, 83; *Ver também*
ARC
- vendedor**, 112
- vida**, *Ver também trabalho*
ciclo de ação da, 48
Cientologia é uma ciência da, 13
como um jogo, 67-68
conhecimento das regras da, 13
dado estável da, 38
é competitiva, 40
é sete décimos de trabalho, 12
necessidade de empregos na, 10
papel do trabalho na, 11
propósito exerce controle
sobre, 38
tem certos dados estáveis, 38
tentar manejar com sorte, 21
torna-se uma armadilha, 33
trabalho e segurança são partes
da, 11
- vigor**, 105
- vingança contra a sociedade**, 36;
Ver também sociedade